

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

A música e a educação infantil nos dizeres de professores

Alessandra Berezovsky Garcia

Trabalho de conclusão de curso do
Curso de Fonoaudiologia da PUC-SP
Sob orientação da Prof^a. Dra. Nadir
da Glória Haguiara Cervellini

**São Paulo
2011**

Alessandra Berezovsky Garcia

A música e a educação infantil nos dizeres de professores

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Fonoaudiologia da PUC-SP como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Fonoaudiologia

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª Drª Maria Lucia Masini – Parecerista

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Profª Drª Nadir da Gloria Haguiara Cervellini - Orientadora

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Aprovado em _____

SUMÁRIO

FOLHA DE APROVAÇÃO.....	2
AGRADECIMENTOS.....	4
RESUMO.....	5
INTRODUÇÃO	6
REVISÃO DE LITERATURA	6
OBJETIVO.....	9
METODOLOGIA.....	13
RESULTADOS	13
CONCLUSÃO	27
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	30
<u>ANEXOS:</u>	
ENTREVISTA SEMI-DIRIGIDA.....	32
ENTREVISTA SEMI-DIRIGIDA.....	34
CARTA PARA OBTENÇÃO DO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	36
TERMO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	39
CARTA PARA OBTENÇÃO DO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	41
TERMO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	44
ENTREVISTA COM PROFESSORA DE CLASSE ESCOLA “1”	46
ENTREVISTA COM COORDENADOR DA ÁREA DE MÚSICA DA ESCOLA “1”.....	51
ENTREVISTA COM PROFESSORA DE CLASSE ESCOLA “2”	59
ENTREVISTA COM PROFESSORA DE MÚSICA ESCOLA “2”	62

Agradecimentos:

Em primeiro lugar, quero agradecer aos meu pais - minhas maiores inspirações-, e que sempre me fizeram acreditar no quanto eu sou capaz de realizar meus sonhos. Amo vocês!

Às minhas tias Mina e Fani que me deram a oportunidade de estudar em uma boa universidade e ter uma formação na área que eu amo. Devo muito às duas e não tenho palavras para agradecer.

Ao meu namorado, Diego, que esteve ao meu lado durante esses quatro anos intensos da vida acadêmica, sempre me apoiando, me acalmando e me alegrando nos momentos mais difíceis.

À orientadora Prof^a Dr^a Nadir Haguiara Cervellini que me auxiliou durante esse ano e que foi fundamental para a conclusão do meu curso e, sem dúvidas, para minha formação. Muito obrigada pela paciência e disponibilidade.

Às professoras Regina Maria Freire, Lucia Masini e Cecilia Moura que me apoiaram e me acalmaram nos momentos que mais precisei.

Resumo:

A música e a educação infantil nos dizeres de professores

Essa pesquisa teve **o objetivo** de, a partir do olhar do professor de música e do professor regular de classe, analisar qual é a importância da música para o desenvolvimento da criança, bem como seus efeitos sobre a linguagem. Esta pesquisa enquadra-se na **categoria de pesquisa qualitativa**. A coleta de dados foi realizada a partir de entrevistas semi-dirigidas com professores de duas escolas particulares de São Paulo. As entrevistas foram efetuadas com: **Escola 1** – Professora regular (P1) e coordenador da área de música e expressão corporal (P2). **Escola 2** – Professora regular (P3) e professora de música (P4). As entrevistas foram gravadas e transcritas. A análise do conteúdo foi feita a partir de BARDIN (2004), abordando análise por categorias. As entrevistas foram gravadas e transcritas com a autorização dos entrevistados. O **método** utilizado foi a análise de conteúdo, Bardin (2004). Os dados foram separados em seis categorias e posteriormente analisados, cruzando os resultados. **As conclusões** evidenciaram: Todos os entrevistados concordam que a música é importante para o desenvolvimento infantil e que deve ser utilizado em sala de aula, pois auxilia em diversas outras questões como memorização, criatividade, atenção, concentração, descontração entre outras. As duas escolas, apesar de trabalharem de maneiras diferentes, têm a música como uma área fundamental do currículo. Com essa pesquisa, pode concluir que a música auxilia no desenvolvimento infantil em aspectos como linguagem em geral, auto-percepção, criatividade, oralidade, percepção auditiva, sociabilidade, entre outros, e, portanto, é muito importante de ser aplicada na educação infantil. Além dos fatores citados acima, é pertinente ressaltar que a música é a arte que acalma e auxilia para uma maior concentração, o que colabora para a obtenção de novos conhecimentos. Assim, conclui que as escolas deveriam ser melhor conscientizadas e orientadas sobre a importância da música na educação infantil e sobre os ganhos que os alunos poderiam auferir se tivessem uma boa aula de música. Após essa conscientização, seria de extrema importância que as escolas investissem na seleção e formação de professores competentes e capazes de lecionar nessa área. Considerando-se os ganhos que a música pode trazer para o desenvolvimento global da criança, bem como seus efeitos sobre o desenvolvimento de sua linguagem, deve-se pensá-la como um recurso precioso a ser lançada mão pelo fonoaudiólogo para seu trabalho fonoterápico.

Introdução:

A presença da música na vida dos seres humanos é indiscutível. Na minha vida não foi diferente.

Desde muito pequena tive uma grande influência de meus pais em relação à música. Meu pai, violonista, sempre tocava músicas em casa para que eu e meu irmão cantássemos e a paixão pela música começou aí.

Ao entrar no curso de fonoaudiologia, eu tinha apenas um foco: voz. Com o passar dos anos, fui estudando linguagem e depois de atender meu primeiro paciente no estágio, me apaixonei pela área.

Decidi então que no TCC faria algo diferente. Apesar de ainda amar voz, quis conhecer um pouco mais da área de linguagem e juntei o que mais gosto na vida que é a música.

Revisão de literatura:

A música tem uma grande influência na vida de todo ser humano, independentemente de sua cultura, etnia ou religião, sendo assim, uma linguagem universal. Com a música nos expressamos e nos comunicamos, e por isso, ela assume um papel relevante na educação.

A música está presente na vida do ser humano desde a mais remota origem da humanidade. Essa presença se faz notar desde os diversos sons criados pela natureza, como as folhas de uma árvore balançando, a chuva, o vento, até as vozes dos animais e muitos outros. Em todas as culturas ou épocas, a música sempre teve diversas funções.

Os homens primitivos, por exemplo, acreditavam que os sons produzidos pela natureza estavam relacionados com magia, eventos sobrenaturais e podiam ser vistos como um recado divino, ameaças, comunicação e até estado de espírito. Dessa forma, eles começaram a criar música através de imitações e produções de sons com instrumentos que produziam ou até mesmo com suas próprias vozes.

Os egípcios, por exemplo, acreditavam que a música influenciava na fertilidade da mulher.

No fim da primeira guerra mundial, em hospitais de veteranos, nos Estados Unidos, músicos eram contratados com o intuito de entreter os pacientes, porém, além do entretenimento, a música resultou na melhora dos pacientes.

Assim, pode-se concluir que, independentemente de como ou onde, a música sempre esteve e sempre estará presente em nossas vidas de forma muito significativa.

É importante lembrar que todas as crianças estão inseridas em um meio cultural, seja qual for, que é vivido por sua família e pelas pessoas com quem convivem. Esse meio cultural é permeado por música o tempo todo. Dessa forma, podemos concluir que a música é muito significativa na vida da criança, principalmente no seu desenvolvimento. A forma como a música influencia na vida de cada criança de cada cultura, com certeza é diferente.

De acordo com Cervellini (2003), é por meio da musicalidade que o homem entra em contato com a música tanto interna quanto externa através de seu corpo, sua voz, seus movimentos, tocando um instrumento e até mesmo para poder ter uma escuta musical atenta.

Difícilmente o ser humano não terá alguma reação na presença de uma música. A música provoca movimentos espontâneos como bater as mãos ou os pés marcando o ritmo, por exemplo.

A voz é o instrumento que já nasce com a gente e já se manifesta no momento em que nascemos em forma de choro. Em pouco tempo, a mãe já consegue distinguir os diversos tipos de choro sabendo o que o bebê está querendo.

O bebê já desde cedo, brinca com sua voz variando melodias, alturas e intensidades. A mãe, por sua vez, tranquiliza e interage afetivamente com seu filho através da voz, seja conversando de maneira zelosa, ou cantando uma canção de ninar.

“Existe uma reciprocidade entre movimento e canto, provavelmente influenciada pela respiração e pelo ritmo cardíaco.” (pág.80) O canto aparece mais espontâneo e livre na criança quando ela está se movimentando ou brincando. São nesses momentos que a criança brinca com diferentes tons, intensidades, ritmo, timbres e outros.

Schlaug e Gaser (apud Nogueira,2004) realizaram uma pesquisa na Escola de Medicina de Harvard (EUA), e outra na Universidade de Jena (Alemanha),no qual foi feita uma comparação entre cérebros de músicos e de não músicos. Descobriu-se que o cérebro de músicos possui mais massa cinzenta cujo papel é administrar as funções de audição, controle motor e visão. Para tocar um instrumento, a pessoa utiliza muito de sua motricidade fina e audição.

As pessoas que utilizam a música apenas para apreciação, ou seja, que não tocam instrumentos, mas escutam a música com atenção, também estão utilizando estímulos intensos que afetam o cérebro.

Além da função de estimular o cérebro, a música tem o papel de relaxar. Quando relaxamos, podemos absorver informações, ou seja, aprendizado.

Losavov, cientista búlgaro (apud NOGUEIRA, 2004), realizou uma pesquisa na qual analisou grupos de crianças em fase de aprendizagem. Foi aplicada a um desses grupos música clássica, lenta, durante as aulas. Esse grupo mostrou um rendimento favorecido em relação aos outros ao final da pesquisa. A explicação desse resultado é que, quando a pessoa escuta a música lenta, ela relaxa e fica mais atenta, tornando-se capaz de absorver melhor conteúdo aplicado. Isso se dá de acordo com o aumento das atividades dos neurônios e as sinapses que são realizadas mais rápidas, favorecendo a atenção e concentração.

O Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (1998), ao discorrer sobre a música, como uma área fundamental para a formação da criança, alega que existe uma estrutura e também características próprias na música que devem ser consideradas como:

- *“Produção – centrada na experimentação e na imitação, tendo como produto a interpretação, a improvisação e a composição.*
- *Apreciação - percepção tanto dos sons e silêncios quanto das estruturas e organizações musicais, buscando desenvolver, por meio da escuta, a capacidade de observação, análise e reconhecimento*
- *Reflexão - sobre questões referentes à organização, criação e produtos musicais.”* (1998: pág. 48)

Em se tratando de uma pesquisa que tem como objetivo verificar qual é a importância da música para o desenvolvimento da criança e, portanto, suas repercussões na aquisição e desenvolvimento de linguagem, cabem aqui, agora, considerações sobre essa aquisição.

Desde os primeiros momentos de vida, o ser humano é inserido no mundo das linguagens no qual a linguagem verbal é fundamentalmente importante. Observa-se esta relação com a linguagem já nas primeiras demonstrações de carinho dos pais para com o bebê. A fala amorosa que a mãe dirige ao seu bebê, é marcada por curvas de entonação e marcas afetivas que faz com que o bebê reaja, além do sorriso, com gorgeios, balbucios, vocalizações e outras manifestações vocais.

Dessa forma, a criança já procura meios para que possa ser compreendida. De acordo com Vygotsky (2000), o papel principal da fala é a comunicação. Isso nos mostra o porque a criança desde tão cedo produz sons vocais tentando

imitar os adultos até que haja um amadurecimento suficiente para que possa ser capaz de reproduzir palavras.

No processo de aquisição de linguagem verbal, muitas vezes a criança diz uma palavra referindo-se a um objeto ou ação, mas essa fala não se mostra inteligível. A mãe interpreta o que a criança está querendo dizer e vai significando essa fala, modelando-a conforme o que entendeu. Assim, pela dedução e significação que os adultos vão atribuindo às emissões da criança, o vocabulário desta vai se formando. Torna-se então necessária a comunicação e a interação das crianças com adultos ou outras crianças que já tenham um vocabulário maior e desenvolvimento cognitivo mais avançado.

Também, segundo as idéias de Vygotsky, fenômenos mentais devem ser considerados em conjunto e não isoladamente, pois em toda atuação da criança, seja, por exemplo, como ao cantar ou conversar há o envolvimento de diversos processos mentais, com uma interatividade entre as ações.

Outro ponto importante para se compreender os processos mentais da criança em entender e se fazer entender é a formação de conceitos pela mesma. A formação destes conceitos se dá desde a infância, de uma forma gradativa e evolutiva, até chegar ao pensamento abstrato, na adolescência, pois, aqui se trata de uma função psicológica de caráter superior, necessitando de um grau de amadurecimento do indivíduo. Por exemplo, o conceito em matemática da incognita “x” representando um número, é praticamente inconcebível para uma criança pequena, pois afinal para ela, letra é letra e número é número. Apesar dos conceitos apenas serem fixados em idade mais madura, começam a se desenvolver desde muito cedo e a linguagem verbal está diretamente envolvida no início da formação destes conceitos.

O uso de uma nova palavra compreendida pelos adultos sugere o domínio do conceito desta mesma palavra pela criança, mas para Vygotsky isto será apenas o começo do processo do desenvolvimento intelectual e isto demonstra que a linguagem é indispensável à formação e posterior aplicação dos conceitos.

A utilização de palavras está diretamente envolvida na formação dos conceitos e de novos conhecimentos. Convívio e interação sociais são assim indispensáveis para o desenvolvimento intelectual e a aquisição de linguagem da criança.

A escola se torna parte fundamental neste convívio e interação tão importantes para a aquisição da linguagem.

A escola é um dos espaços fundamentais onde a criança se forma culturalmente, socialmente e formalmente, sendo assim o local propício para

seu desenvolvimento intelectual, social, afetivo e emocional devido à convivência com os alunos e professores, além dos ensinamentos transmitidos durante as aulas. O intelecto da criança que tem o auxílio dos adultos na sua formação, se desenvolve mais do que se ela estivesse sozinha nesse processo, porém sem inibir os conceitos espontâneos. Inclusive, na concepção de Vygotsky, os conceitos espontâneos agem na construção dos conceitos não espontâneos (científicos), e esses auxiliam na aquisição de novos conceitos espontâneos, criando um processo cíclico.

Assim, sem a presença de indivíduos “mais experientes”, principalmente adultos, a criança utilizará apenas seus próprios dispositivos mentais desenvolvendo apenas conceitos espontâneos.

Na educação infantil, a música tem sido proposta como um meio para auxiliar o educador no seu trabalho visando ao desenvolvimento motor, ao desenvolvimento da audição e domínio rítmico, além de colaborar na conscientização de atividades cotidianas como higiene, cidadania e até valores éticos.

A vivência da música na vida da criança é importante para que ela desenvolva, desde cedo, a sensibilização musical. Dessa forma, o lugar propício para iniciar esse trabalho é a escola. Para que isso seja efetivo, o aprendizado com a música não deve se limitar a músicas já existentes, mas sim, adentrar na produção musical. A partir da música, a criança tem a possibilidade de sentir, desenvolver e articular seu conhecimento. Nesse contexto, é importante lembrar que a musicalização deve ser utilizada, além das aulas de música, nas aulas regulares.

Dessa forma, nenhum aluno deve ser excluído desse trabalho. Música é linguagem, e é devido às experiências vividas que se estabelece o aprendizado. Então, não importa se o aluno desafina ou não tem ritmo, pois a música se desenvolve de acordo com a vivência e as experiências com a mesma. Assim, o mais importante nesse processo não é o produto final, e sim o processo de desenvolvimento do trabalho. O que ocorre ainda hoje, é que as aulas de música ainda são muito voltadas a eventos como “dia das mães” e “festa junina”. Assim, os alunos ficam um semestre inteiro apenas ensaiando para a ocasião. O problema é que nesses casos o trabalho já vem pronto. Música escolhida, coreografia pronta, sem nenhuma atividade de produção e criação. Além disso, essas atividades acabam selecionando os alunos com um certo “dom” mais aflorado e acaba excluindo aqueles que são menos dotados. O objetivo, então, passa a ser apenas a apresentação final, e não o processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Infelizmente, ainda faltam nessa área, profissionais que tenham uma formação adequada. Apesar disso, existem algumas escolas nas quais percebemos uma

grande preocupação com esse trabalho musical. Há escolas de Educação Infantil de São Paulo, em que os alunos têm aula de música desde pequenos com uma professora especializada, e esse trabalho musical continua em atividades das aulas regulares, tonando-se assim, um trabalho muito eficaz e de muita importância para o desenvolvimento das crianças.

É importante que a música seja inserida juntamente com outros tipos de linguagens expressivas, ou seja, artes visuais, expressão corporal, expressão cênica, etc.

A música colabora no desenvolvimento do autoconhecimento, da autoestima e é uma ótima ferramenta para a integração social. Ela é acessível a todas as faixas etárias, inclusive para pessoas com necessidades especiais.

Os bebês desenvolvem musicalidade, intuitivamente, devido ao ambiente e o cotidiano que é cercado por música. Sempre escutam com atenção seus pais, que costumam cantar canções de ninar, entre outras, e tentam imitá-los, mesmo que com balbucios. Dessa forma, momentos afetivos são vivenciados estabelecendo um vínculo com os pais e contribuindo para o desenvolvimento da comunicação.

Segundo o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (1998), o trabalho com música deve objetivar que crianças de zero a três anos desenvolvam as capacidades de *“ouvir, perceber e discriminar eventos sonoros diversos, fontes sonoras e produções musicais, brincar com a música, imitar, inventar e produzir criações musicais”*. (1998: pág 55) Com crianças de quatro a seis anos os aspectos citados acima para crianças de zero a três anos deverão ser expandidos para que possam: *“explorar e identificar elementos da música para se expressar, interagir com os outros e ampliar seu conhecimento do mundo, perceber e expressar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio de improvisações, composições e interpretações musicais”*. (1998: pág 55)

Dessa forma, o trabalho musical em escolas, deve ser apropriado para a faixa etária dos alunos para que seja eficiente.

Objetivo:

Esse estudo tem por objetivo pesquisar qual é a importância da música para o desenvolvimento da criança, bem como seus efeitos sobre a linguagem sob o olhar do professor de música e do professor de classe, em escolas de educação infantil.

Metodologia:

Inicialmente foi feita a revisão de literatura com foco na importância da música na vida e desenvolvimento da criança, desenvolvimento da linguagem e implicações quanto ao uso da música na Educação Infantil. Em seguida, foi feita a coleta de dados junto a duas escolas Particulares de Educação Infantil da cidade de São Paulo, que acolhem crianças de famílias da classe média..

Para tais propósitos foi apresentado e explicado aos professores o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, respeitando as indicações e normas do Comitê de Ética da Universidade.

Esta pesquisa enquadra-se na categoria de pesquisa qualitativa. A coleta de dados foi realizada a partir de entrevistas semi-dirigidas com professores dessas duas escolas particulares. As entrevistas foram efetuadas com: **Escola 1** – Professora regular (P1) e coordenador da área de música e expressão corporal (P2). **Escola 2**- Professora regular (P3) e professora de música (P4).

As entrevistas foram gravadas e transcritas.

A análise do conteúdo foi feita a partir de BARDIN (2004), abordando análise por categorias.

A análise efetuada possibilitou a identificação de seis categorias (justificadas no resultados), as quais são:

- Categoria I – Formação geral
- Categoria II – Formação específica
- Categoria III – Propósitos da música na educação infantil
- Categoria IV – Escolha das atividades musicais/repertório
- Categoria V – Importância da música para a aquisição e o desenvolvimento da linguagem
- Categoria VI – Outros efeitos da música na criança

A análise das categorias levantadas possibilitou a discussão dos resultados de cada escola; e o cruzamento desses dados possibilitou a busca de semelhanças e diferenças entre esses trabalhos. Este estudo se encerrará com as considerações finais e apontando a importância e os propósitos da música na educação infantil sob a ótica de professores.

Resultados:

Após realizar a transcrição das entrevistas, fiz diversas leituras para chegar às categorias identificadas, com base na metodologia de Bardin (2004), para a análise de conteúdo.

Através da categorização, foi possível obter maiores informações para uma análise minuciosa e uma correlação entre a fala dos entrevistados.

Dessa forma, foram definidos temas de acordo com os dados adquiridos. Posteriormente, foi necessário fazer a compração de enunciados para descobrir similaridades e diferenças entre eles.

De acordo com os enunciados, cheguei a VI categorias:

Categoria I – **Formação geral** – esta categoria tem a finalidade de descrever a formação do professor e há quanto tempo ele está formado.

Categoria II- **Formação específica**- foram entrevistados dois professores regulares de classe, uma professora de música e um coordenador de artes. Dessa forma, é importante especificar quais professores têm alguma formação na área de música e quais não, visto que o conhecimento musical é importante para a realização do trabalho voltado para a música.

Categoria III – **Propósitos da música na educação infantil** - esta categoria evidencia o pensamento de cada entrevistado sobre a música na escola.

Categoria IV – **Escolha das atividades musicais/repertório** – aponta as atividades musicais selecionadas pelos professores e o repertório utilizado tanto nas aulas regulares quanto nas aulas de música e quais os objetivos para determinada música ou atividade.

Categoria V – **Importância da música para a aquisição e desenvolvimento da linguagem** – descreve, de acordo com o ponto de vista de cada professor entrevistado, a importância da música para a linguagem.

Categoria VI – **Outros efeitos da música na criança** – esta categoria apontar outros efeitos causados pela vivência da música nas crianças observados pelos professores entrevistados.

Análise dos dados:

Categoria I – Formação geral:

P1:

Formada em administração. Depois que teve os filhos e conheceu o trabalho da escola, cursou pedagogia. P1 está formada há 7 anos.

P2:

Não tem formação superior completa. Cursou alguns anos de medicina há 35 anos, mas parou para dedicar-se à música.

P3:

Formada em pedagogia há 5 anos, e especializada em educação infantil.

P4:

Formada em artes plásticas, e especialista em pedagogia musical com base no método Kodály. Posteriormente fez um curso sobre “arte e educação”

Análise:

Duas professoras têm formação em pedagogia (P1 e P3); uma tem formação em artes plásticas e na área de música e educação (P4); e uma não tem formação superior (P2), porém cursou diversos cursos livres de música como instrumentos, musicalização e teoria musical.

Apesar de P2 não ter formação superior, ele parece ter uma formação musical ampla o suficiente para atuar na escola de educação infantil. Por ser coordenador da área de música e não professor ou coordenador geral, P2 não precisa necessariamente de uma formação em pedagogia, mas sim de conhecimentos na área musical.

P4 é professora de música, porém ao contrário de P2, além da formação musical, optou por cursar área da educação, o que, com certeza, contribui para o enriquecimento pedagógico de suas aulas. Isso é visivelmente notável em seu discurso durante a entrevista e mais ainda na sala de aula, que teve a oportunidade de acompanhar em uma tarde.

Categoria II- Formação específica:

P1:

Não tem formação na área de música.

P2:

“Quando eu comecei a trabalhar simultaneamente com música e com teatro que foram mais ou menos na mesma época, eu comecei a estudar por conta própria em escolas de cursos livres mesmo. Só que eu fui atrás daqueles que me interessavam. Então eu estudei violão popular, violão erudito, harmonia, percussão, práticas de conjunto, estudei teatro, dança, enfim, fui construindo um saber a partir da vontade, da necessidade, e do encontro das novas experiências. A partir dessas novas experiências, eu fui buscando aquilo que me interessava. Numa formação, que ao mesmo tempo teve essa formalidade de frequentar escolas, teve a informalidade de que a escolha desse material fui eu mesmo que fiz e não uma instituição.”

P3:

Não tem formação na área de música.

P4:

“[...] comecei a estudar música com a minha mãe que é pianista; depois eu fiz um curso de flauta doce, que comecei com sete anos; depois comecei com professor particular; depois fiz um conservatório por mais quatro anos; depois estudei na escola municipal de música, mais sete anos de flauta doce, mais aulas teóricas.”

Análise:

Nenhum dos entrevistados tem formação acadêmica regular em música.

Apenas a professora de música (P4) e o coordenador da área de música (P2) tem contato mais íntimo com a área, e um currículo em que a formação musical foi sendo construída a partir de interesses específicos pessoais, cursos livres e não a partir de um cursos regulares e formais.

P2 fez diversos cursos livres de música como instrumentos, musicalização, harmonia, teoria musical entre outros. Dessa forma, o entrevistado parece ter recursos suficientes para orientar os professores de classe para a realização do trabalho musical inserido nas aulas regulares.

Apesar disso, sinto que essa proposta, de não ter um professor específico de música e sim um orientador, seria mais eficaz se P1 (professora regular da mesma escola) tivesse uma formação mínima na área. Apesar das orientações de P2, P1 não domina e não entende quase nada de música. Assim, é visível pelo seu discurso, que a música consiste apenas em mais um instrumento a ser usado em sala de aula, sem um objetivo claro.

P4 (professora de música) é formada em artes plásticas, mas estuda música desde criança. Fez conservatório, estudou na escola municipal de música e estudou diversos instrumentos.

Quando resolveu trabalhar na educação, fez especialização em pedagogia musical abordando o método Kodály e posteriormente fez um curso sobre “educação e música”.

Pela entrevista é possível notar que essa bagagem é muito importante para seu trabalho. Ao assistir algumas de suas aulas, notei que ela realmente sabe o que está fazendo e que tudo aplicado durante as aulas têm sentido. Nada do que foi feito era apenas uma brincadeira.

De acordo com Goulart (2000), Zoltán Kodály foi um compositor e pesquisador húngaro que, em 1945, desenvolveu um sistema de educação musical para as escolas públicas da Hungria com base nas músicas folclóricas.

Para Kodály, a música deveria ser um direito de qualquer pessoa. Assim, desenvolveu um trabalho para tornar a música uma linguagem inteligível para todos os húngaros e fez com que a música fizesse parte da educação geral.

Kodály considerava a música como instrumento importante para o desenvolvimento do intelecto, para o emocional e para a personalidade. Dessa forma, estudou uma maneira que fizesse com que a música fosse acessível a qualquer pessoa e não um luxo. Para Kodály o canto era fundamental para o desenvolvimento da cultura musical da criança, pois a voz é o instrumento imediato com que esta se comunica musicalmente, visto que faz parte do próprio sujeito e sobre a qual ela tem controle. Ele considerava que as canções populares que fazem parte da própria herança lingüística de uma criança constituem sua língua musical materna,.

Esses fundamentos da educação musical pelo método Kodály são norteadores do trabalho da entrevistada P4, e constituem um diferencial no perfil dos educadores entrevistados.

Categoria III – Propósitos da música na educação infantil:

P1:

“Primeiro por causa do grupo, eu acho que a primeira coisa que a gente faz, na roda, é cantar uma música que é uma hora que eles se olham, eu acho que une muito, vai aparecendo as preferências deles, conforme eles vão criando um repertório da classe vão aparecendo as preferências de cada criança, eu acho que desenvolve bastante linguagem, o pensamento, muitas vezes a gente vê eles criando as próprias músicas”

P2:

“Em primeiro lugar a música é uma linguagem, então a gente não faz música porque quer que a música ajude para alguma coisa particular e sim porque ela é uma linguagem expressiva. Ou seja, o que eu penso e a escola também pensa, é que é uma linguagem a ser desenvolvida na formação do indivíduo, na formação como um todo e na possibilidade de ele ter um canal de expressão, uma maneira de expressão através dessa linguagem. [...] Poder adquirir, vivenciar, experimentar, praticar os elementos da linguagem como um canal de expressão.”

“Ao meu ver, é fundamental, porque essa (pausa) essa questão expressiva, ou seja, ajudar a criança a achar canais de expressão tem a ver com a construção e formação dessa criança como indivíduo, para a vida toda, né. Vistas as experiências em si, eu vou trabalhar digamos, todas as suas percepções, claro que auditiva em primeiro lugar, mas as percepções como um todo, suas possibilidades de expressão vocal; vou trabalhar as questões rítmicas, as questões melódicas que, portanto, se relacionam diretamente com a fala e com as possibilidades da fala, vou trabalhar o conhecimento do mundo cultural na medida em que a música vem de povos diferentes, de culturas diferentes, épocas diferentes, idiomas diferentes, ela é absolutamente ampla, absolutamente rica e essencial na formação dessas crianças.”

P3:

“[...] para a criança poder se expressar melhor, para uma criança que tem uma certa timidez também ajuda a se soltar, ajuda na linguagem também.”

P4:

“A música funciona estimulando todas as áreas do ser humano, [...] concentração, autonomia, coordenação motora, lidar com a questão social de uma maneira muito intensa também e os conhecimentos musicais servem também para a pessoa no futuro ter até talvez um autoconhecimento maior”

“[...] ela vai ser mais afinada, vai ter um ritmo mais seguro, ou seja, ela vai desenvolver habilidades musicais [...] Mesmo as pessoas que já nascem muito habilidosas, vão ainda além. As pessoas que não nascem tão habilidosas, ou que não têm tanto estímulo, vão tendo a oportunidade de desenvolver.”

“Além dessas habilidades, [...] vai desenvolver o outro lado, que é o lado da sociabilidade porque a música é muito social, você trabalha sempre em grupo, você tem que ouvir o que o outro está fazendo, você tem que perceber em que momento da música você vai entrar, em que você vai participar”

Análise:

Comparando os discursos de P1 e P2 (que trabalham na mesma escola), é notável que P2 tem um conhecimento muito ampliado sobre o assunto em relação a P1 que não tem nenhum conhecimento na área musical.

Para P1 (professora regular), a música na educação infantil está bastante relacionada com a socialização das crianças. Ela comenta um pouco sobre a importância da música na linguagem, sobre a questão da preferência musical que as crianças vão apresentando com o passar do tempo e a criatividade. A professora não explora muito o assunto.

P2 (coordenador da área de música) diz que a música é uma linguagem expressiva que deve ser desenvolvida pelas pessoas. Para ele, a música aflora a percepção auditiva e por ter muitas variações rítmicas e de melodia, a música tem uma importância direta na fala. Além disso, música é cultura, visto que vem de lugares e povos diferentes.

P3 (professora regular), que não utiliza muito a música em sala de aula, acredita que a música ajuda a criança a lidar com a timidez. Que com a música ela se solta.

P4 (professora de música) é a que tem um melhor e mais amplo discurso nessa categoria. Para ela, a música é importante em diversas áreas como no social, questões físicas como coordenação motora, mas acredita que a música tem uma função muito grande no autoconhecimento de cada um. Fora isso, ela comenta sobre uma possibilidade de ampliar as habilidades musicais mesmo para aquelas crianças que não tiveram tanto estímulo anteriormente.

Apesar de visões e propósitos diferentes, os quatro entrevistados dão importância para a música na educação infantil. Mesmo aqueles que não entendem muito sobre o assunto, percebem que a música traz efeitos importantes na escola. Todos introduzem a música de alguma forma em suas atividades. Uns com mais frequência e outros com menos, mas a música é

utilizada no mínimo como uma ferramenta importante para todos, seja qual for o objetivo.

De acordo com Brito (2003), a música na educação infantil, na teoria, pode ser utilizada com diversas finalidades. Porém, na prática não ocorre bem assim. Na maioria dos casos, a música tem sido considerada apenas para formação de hábitos e atitudes, condicionamento da rotina e utilizada em festas comemorativas como dia das mães, por exemplo. Dessa forma, a música que é um material muito rico, está sendo pouco aproveitada. A música pode ser explorada de diversas formas desde a escuta até a produção. Assim, Teca afirma que “explorar possibilidades de expressão vocal, corporal ou instrumental e pesquisar, inventar, escutar e pensar a música ficam em segundo plano ou, muitas vezes, em plano nenhum”.

Categoria IV – Escolha das atividades musicais/repertório:

P1:

“Trabalhar os próprios instrumentos, por exemplo. Descobrir o som dos instrumentos. Então, a professora pode apresentar alguns instrumentos uma vez, daí na outra vez apresenta outros e a gente trabalha muito com brincadeiras. Então, aquelas brincadeiras de esconder o instrumento e tocar para adivinhar qual é aquele som, depois você pode chamar uma criança para fazer isso, como se fosse ele comandando a brincadeira. Então eu acho que isso vai ajudando bastante a eles irem afinando o ouvido e distinguindo quais são estes instrumentos. As músicas estão muito presentes no nosso dia-a-dia, principalmente nessa faixa etária; então, no começo do dia a gente sempre faz a roda, e a roda dessa faixa etária, a gente fala que metade ou mais da metade vão para as músicas e a outra metade vai para conversas, de olhar o grupo, que é uma coisa que reúne e une; eles vão vendo entre si e vão cada vez mais avançando.”

“[...] a gente está trabalhando uma história que eles criaram e vamos sonorizar essa história. Aí, nós estávamos escolhendo os sons para essa história e uma hora tinha uma criança cansada que sentou no chão e começou a bater um banquinho no chão e eu conhecendo que ele estava cansado, que eu sabia que era uma criança que estava interessada mas que estava num momento cansado, eu trouxe isso para a história.”

P2:

“Nessa instituição a maneira como se trabalha é um pouco diferente das maneiras nas quais se trabalham, ou seja, eu não sou professor de música, eu coordeno equipes e essas equipes têm em primeiro lugar professores de apoio,

ou seja, no caso da música eu tenho duas professoras que trabalham comigo e que fazem junto comigo, mas especialmente elas trabalham mais com canto, eu trabalho mais o corpo a corpo com crianças e professores, mas nós trabalhamos na formação desses professores. Essa formação inclui muitas possibilidades ao longo do ano letivo. Então a gente faz oficina onde a gente brinca com a linguagem”

“ Desde as cantigas populares tradicionais até MPB, que é muito rica e a gente vai brincando que parece que tem momentos históricos que vão se construindo junto com a idade das crianças.”

“No começo é muito grande a ocupação do espaço do repertório com essas cantigas tradicionais, com as músicas populares anônimas brasileiras. Depois começa a aparecer o “Leãozinho”, depois começam a aparecer algumas coisas da Rita Lee, começa aparecer, óbvio, na proposta dos professores, mas também no que as crianças trazem, no que os pais trazem. A gente resgata muito o repertório dos pais junto com isso e, digamos, “Chico”, “Caetano”, “Jobim” aparecem muito nesse repertório.”

“Ouve-se música erudita, repertório internacional, seja trazido por eles, sejam propostas pelos professores. Esse repertório tradicional e a MPB são bem importantes. Não somente MPB atual, digamos que sempre: antes de Noel Rosa, Cartola, passando por Jobim, passando por Vinicius. Enfim, tudo isso faz parte, a gente vai adequando; isso não só às idades mas às vontades e aos temas que os grupos levantam.”

“Tem um CD que produzimos aqui na escola há um tempo, que é de músicas que eu fiz para teatro infantil e uma parte de músicas que eu fiz a partir de todos os trabalhos das crianças na escola. O trabalho se chama “Roda gigante” e está na roda até hoje. A gente convidou cantores e intérpretes muito bacanas. Houve muita produção de música aqui dentro.”

P3:

“Então, a gente trabalha bastante com parlenda, para alguma brincadeira e música a gente trabalha na área de linguagem mesmo para ajudar a criança a decorar músicas, e ajudar na fala também, memorização. Então a gente trabalha bastante com isso. Tem algumas fichas com imagens de algumas músicas e cada um escolhe a ficha para cantar a música. É mais ou menos isso que eu trabalho com música.”

P4:

“[...] sensibilização, ao descobrimento das próprias potencialidades musicais do corpo, dos instrumentos e dos sons dos objetos.”

“[...] voz, que é o instrumento que eu mais trabalho, [...] é o principal instrumento para a musicalização, pois é um instrumento que já nasce com a criança. A voz está ligada com a fala. Exploramos os sons que a voz permite pensar executando palavras propriamente ditas.”

“[...] desde falando mesmo, a letra da música, até brincando de vocalizar um pouco, fazer ruídos e sons que eles adoram, né. A voz está sempre associada a uma brincadeira, [...] a gente brinca de imitar mas sempre tem uma brincadeira com isso porque a condição do corpo para as crianças é extremamente importante. Por isso está associado a um contexto lúdico. Então, ou é uma brincadeira propriamente dita, como uma brincadeira de roda, uma brincadeira de trem, ou uma brincadeira de gestos”

“Por exemplo, [...] se eu associar o forte e fraco à uma outra questão junto, como se forte e ao mesmo tempo agudo, ou ser forte e ao mesmo tempo grave, parece fácil, mas as crianças fazem uma confusão muito grande com isso porque para eles grave é a mesma coisa que forte e agudo é a mesma coisa que fraco. Eles demoram um tempo para perceber isso. Então eu vou colocando isso e fazendo brincadeiras que eles vão aos poucos percebendo essas diferenças.”

“[...] cada aula eu elejo algum tema e aí a gente faz algumas brincadeiras que contemplem isso. Na mesma brincadeira eu posso enfatizar um aspecto e, ou em outro.”

“Então eu falo: ‘Hoje a brincadeira vai ficar bem mais complicada. Vocês vão ficar até de cabelo em pé. Hoje a gente vai ter que fazer um gigante andando bem devagar’ e na outra vez não tinha gigante nenhum. Era uma outra coisa que fazíamos com a mesma música, por exemplo.”

“[...] é importante ter uma música que eles conheçam pela mãe, pela babá, pela avó. Eu uso a mesma música mas de uma maneira que dificilmente a babá ou a avó vão colocar. Eu tenho a obrigação de ter uma afinação impecável, de colocar essa música com uma instrumentação, enfim, eu vou trabalhar essa música de uma outra maneira que em casa não é trabalhada, pelo menos não na maior parte dos casos. Além disso, tem uma outra parte de repertórios que são de músicas não conhecidas e que são trabalhadas juntas. Aos poucos, as músicas conhecidas vão sendo descartadas”

“Tem também [...] músicas tradicionais, músicas folclóricas que são menos conhecidas mas que têm uma riqueza muito grande.”

“[...] uma professora fez um trabalho agora sobre o Japão, e eu introduzi uma música do Japão. Foi uma fatia da minha aula e uma fatia do trabalho dela. Eu passei a letra para ela, passei a música para as crianças e ela trabalhou outras

coisa do Japão. Para eles é muito importante porque quando você tem essa interatividade....”

Análise:

P1 e P2, que trabalham na mesma escola, deveriam ter uma resposta muito semelhante para essa questão, visto que P2 (coordenador) é quem orienta P1 (professora) na área musical. Apesar disso, percebe-se, de acordo com o discurso de cada um, o repertório musical e as atividades são abordadas de maneiras diferentes. Enquanto P1 diz que explora mais os sons de instrumentos levados em sala de aula e utiliza-se de brincadeiras com histórias que são sonorizadas pelos alunos, P2 fala sobre um repertório muito mais amplo com músicas de diferentes culturas, música popular brasileira, música erudita, cantigas tradicionais entre outras e cita que as professoras costumam trabalhar muito com o canto.

P3 não utiliza muito a música em sua aula. Ela realiza algumas atividades com parlendas com o objetivo de exercitar a memória. Visto que a escola tem uma professora de música (P4), o trabalho com música na aula regular parece não ser tão valorizado por essa professora.

P4, além de utilizar instrumentos, usa muito a voz em suas aulas. Ela diz que seu foco principal é na voz porque é o instrumento que já nasce com a criança e está ligada à fala. P4 explica que todas as atividades estão associadas com uma brincadeira .

Sobre o repertório, P4 diz que gosta de começar sempre com músicas que as crianças conhecem de casa. Isso dá uma certa segurança para elas e facilita o vínculo com a professora. Com o passar do ano, as músicas conhecidas vão sendo deixadas de lado e a professora introduz e ensina novas músicas.

Em uma pesquisa realizada por Diniz (2005) foi observado que a música é aplicada de diversas formas pelas professoras. As mais mencionadas são audição de música, canto, dança, músicas que contribuem para a formação de hábitos e execução vocal.

Essa categoria nos mostra a importância da professora de música especializada. Com a bagagem de P4 é notável que seu trabalho parece ser o mais estruturado e com objetivos mais claros. Apesar de P2 também ter uma boa bagagem, a professora que é a responsável por trabalhar diretamente com os alunos não tem experiência suficiente nesse assunto, o que faz com que seus objetivos não sejam tão claros.

Categoria V – Importância da música na aquisição e no desenvolvimento da linguagem

P1:

“Ajuda. Ajuda porque primeiro eles, (pausa) a repetição, né. Eu acho que é uma forma de aprendizado. Primeiro eles começam imitando, repetindo e depois eles vão se apropriando daquelas palavras que aparecem nas músicas.”

P2:

“Em geral, muitas das crianças cantam antes de falar, isso a gente observa objetivamente. Então, seja do ponto de vista melódico, seja do ponto de vista rítmico, ela é, digamos, um ingrediente fundamental porque as crianças aprender a ouvir.”

“(...) trabalhamos com o repertório popular, trabalhamos com música erudita, trabalhamos com músicas de outros lugares do mundo. Então, desses elementos todos, você pode ir digamos pinçando diversos elementos que têm a ver com a construção da linguagem. Ritmo, melodia, afinidade auditiva, tudo isso são elementos que você precisa para adquirir linguagem e poder exercer linguagem.”

P3:

“Ajuda na fala da criança, na expressão oral e corporal, ajuda a criança a se soltar mais, falar mais. A memorização das músicas também, isso ajuda na memória.”

P4:

“Isso tem a ver com a exploração da voz, com a exploração do corpo como instrumento produtor de sons, tem a ver com o desenvolvimento do ouvido principalmente.”

“A voz está ligada com a fala. Exploramos os sons que a voz permite pensar executando palavra propriamente ditas.”

Análise:

Todos os entrevistados enxergam a música como um instrumento importante para a aquisição da linguagem, apesar de verem isso de maneiras diferentes.

P1 por exemplo, acha que a música ajuda na linguagem devido a repetição e a imitação.

P2 acredita que aspectos da música como auditiva, percepção da melodia e ritmo são importantes para a linguagem visto que são características também aplicadas na fala. Assim ela diz: “Ritmo, melodia, acuidade auditiva, tudo isso são elementos que você precisa para adquirir linguagem e poder exercer linguagem.”

P3 considera a música importante na linguagem devido a memorização de letras das músicas que auxilia na memória e acha que com atividades musicais as crianças se “soltam mais”.

Para **P4**, a exploração da voz e do corpo e o desenvolvimento auditivo são importantes para a linguagem. Ela relata que para que haja a execução de palavras é importante a exploração da voz.

Os quatro entrevistados mostram que dos seus pontos de vista, a música, de alguma forma, está relacionada com a linguagem, porém cada um pensa nisso de uma forma diferente. P3 releciona a música e a linguagem com uma questão mais social, pelo fato de as crianças se sentirem mais soltas e à vontade; enquanto que P2 e P4, por entenderem melhor do assunto, pensam na linguagem, nesse caso, com alguns efeitos atribuídos devido a características que envolvem a música e a fala. P1 apenas cita a memorização.

Dentro deste contexto, segundo Oliveira (2009), conseguimos compreender a linguagem a partir de fonemas, morfemas e frases ocorrendo através de sinais contínuos que chegam à nossa orelha.

O bebê já escuta a voz da mãe quando ainda nem nasceu. É essa sonoridade que propicia ao bebê uma certa segurança e ajuda na sua inclusão no mundo linguístico.

Os bebês, apesar de a princípio não identificarem os sons, já conseguem distinguir alguns fonemas. Esses sons já estabelecem para o bebê vestígios para a construção da conscientização da realidade. Os sons possibilitam os sentidos ao bebê. A fala melodiosa da mãe com o bebê, chamada de manhês, é necessária na relação entre os dois.

A música é um material muito rico e o trabalho com ela pode resultar em muitos benefícios como os citados pelos entrevistados. As características musicais como melodia e ritmo estão presentes na fala e portanto, são fundamentais na linguagem. A fala não seria inteligível sem a prosódia, pois é com ela que conseguimos significar o que queremos dizer.

Categoria VI – Outros efeitos da música na criança

P1:

P1 fala apenas sobre a percepção maior que eles vão adquirindo com o passar do tempo devido à música.

P2:

“A questão expressiva é fundamental, a questão rítmica, corporal porque a gente quando cantar, não canta somente com o aparelho fonador, a gente canta com o corpo todo. O dançar vem junto, a relação de corpo e movimento, de ocupação de espaço, e todos esses sentidos a música contribui de uma maneira fundamental. Percepção auditiva, expressão, noção de espaço, noção de tempo, o tempo é absolutamente essencial na música, a questão afetiva, a questão dos gostos em geral, não só do gosto musical que vai te acompanhar na vida toda.”

“A alegria que as crianças sentem ao cantar, ao ouvir, ao perceber, ao se identificar, ao fazer relações, é uma mudança comportamental grande [...] música é prazer.”

P3:

“Eles gostam bastante de música, inclusive quando eu faço essa roda de música com eles é um momento que eles gostam bastante; eles ficam super interessados. Acho que dá uma tranquilidade na sala.”

P4:

“eu acho que além de ter a questão sociabilizante, tem a questão da interação porque a música é uma coisa muito interativa e as crianças aprendem a se respeitar um pouco mais.”

“desperta inclusive o lado criativo”

Análise:

Achei interessante P3 e principalmente P2 terem citado o fato de as crianças gostarem muito de música. P2 relata a felicidade e o prazer que as crianças demonstram quando estão cantando ou ouvindo uma música e isso sem dúvida é um fator importante. P3 ainda comenta que a música proporciona um momento de relaxamento para as crianças no qual elas se mostram mais calmas.

P4 conta sobre a interação entre as crianças que é observada através da música. Ela relata também o poder de aflorar a criatividade dos alunos.

Além das questões comportamentais, P2 fala sobre a relação da música com o corpo citando o cantar, que segundo ele não cantamos apenas com o aparelho fonador, mas sim com o corpo todo, a dança, expressão, percepção entre outros.

Portanto, todos esses dizeres mostram os efeitos que a música exerce sobre o desenvolvimento global da criança, envolvendo desenvolvimento afetivo, cognitivo, auditivo, de linguagem, de expressão corporal e social.

Análise geral:

No geral, os professores concordam que a música é importante tanto na educação infantil quanto na vida das crianças. Eles apontam os diversos efeitos positivos, que são observados durante a realização de atividades musicais, seja em aula específica de música, ou em aulas regulares.

Apesar de todos concordarem que a música é um instrumento importante na educação infantil, cada um tem um ponto de vista diferente sobre cada tópico abordado na entrevista. Não houve respostas iguais. Isto pode ser compreendido como decorrente do fato de que a vivência musical de cada um é muito diferente. P1 e P3 não têm nenhum estudo direcionado para a música e, apesar de P2 e P4 serem da área, cada um tem uma formação específica, sua abordagem, seu pensamento e seu método de trabalho. Mesmo se P2 não fosse coordenador e, sim, professor de música, teríamos respostas distintas. Outro aspecto que deve ser levado em consideração é que, apesar da nova LDB prever o ensino obrigatório de música na Educação Básica, não existe ainda uma regulamentação sobre os cursos de formação do professor de música para atuar desse segmento.

CONCLUSÃO:

O fato de ter feito minha coleta em duas escolas com métodos muito distintos, me deu um leque maior para a análise, pois, apesar de as duas escolas terem a música como uma ferramenta importante no currículo, a mesma é aplicada diferentemente em cada instituição.

A meu ver, a idéia da escola 1 de não ter um professor especialista é interessante. A escola alega ter optado por esse caminho porque prefere que a música seja utilizada no dia-a-dia da criança, com uma professora que conhece cada aluno por conviver com eles todos os dias, e não com uma professora que vai à escola uma vez por semana e dá apenas 45 minutos de aula. Essa proposta seria bem mais interessante se a professora de classe tivesse um conhecimento mínimo na área. Senti durante a entrevista, que a professora de classe não tinha muito o que me dizer sobre o trabalho com a música e não parecia sentir-se segura ao me falar sobre as atividades que realiza na sala de aula, exatamente por não dominar o assunto. O que me fez chegar a essa conclusão foi o fato de que as entrevistas de P1 e P2 mostraram-se contraditórias. As respostas são muito diferentes, principalmente em se tratando das atividades e do repertório.

Na escola 2, a professora de classe (P3) desde o início, me deixou claro que não usa muito a música no seu trabalho. Ela demonstrou isso sem se importar muito, pois não é o dever dela já que a escola possui uma professora de música (P4). Por outro lado, a professora de música mostra que toda a sua experiência, tanto na área de música, quanto na educação infantil, são essenciais para um trabalho eficaz e de qualidade. Além de ter um repertório extenso, tudo o que é proposto em aula tem algum objetivo. A aula de P4 é muito animada e interativa. Os alunos gostam bastante e a maioria realiza as atividades sem hesitar. É possível observar que alguns alunos têm uma vivência maior ou até um dom mais afluído para a música, mas a aula faz com que todos se sintam capazes de produzir e de se relacionar com a música, e esse é um fator importante. Um dos objetivos da aula de música deve ser fazer com que a criança se sinta apta a interagir com essa linguagem e isso P4 faz muito bem.

Com essa pesquisa, pude concluir que a música auxilia no desenvolvimento infantil em aspectos como linguagem em geral, auto-precepção, criatividade, oralidade, percepção auditiva, sociabilidade, entre outros, e, portanto, é muito importante ser aplicada na educação infantil.

Além dos fatores citados acima, é pertinente ressaltar que por ser uma arte, a música acalma e auxilia para uma maior concentração, o que colabora na obtenção de novos conhecimentos.

As duas escolas escolhidas para a coleta de dados vêem a música como uma área artística fundamental na educação infantil. Porém, de acordo com as diversas pesquisas bibliográficas que realizei, a música ainda é um uma área pouco explorada pela maioria das escolas. Na maior parte, a música é utilizada de maneira superficial e é dada como um material pronto. Grande parte das instituições de ensino aplica a música apenas em eventos específicos como festa de dia das mães, por exemplo. Nesse tipo de trabalho, as crianças simplesmente aprendem a cantar uma música já existente. Assim, todos os efeitos e benefícios que podem ser obtidos através da música como criatividade e percepção auditiva, são deixados de lado, tornando-se uma atividade pobre.

De acordo com Loureiro (2008), há muito tempo o ensino da música nas escolas é criticado. Ela cita que em 1891 os professores mais velhos não sabiam sobre música, enquanto os mais novos davam pouca importância e, apesar disso, tinham o dever de ensinar essa disciplina nas escolas. Isso nos mostra que apesar de já ter havido algum progresso, o processo de aplicar música na educação infantil tem sido lento e é um problema ainda hoje.

Assim, concluo que as escolas deveriam ser melhor conscientizadas e orientadas sobre a importância da música na educação infantil e sobre os ganhos que os alunos poderiam auferir se tivessem uma boa aula de música. Após essa conscientização, seria de extrema importância que as escolas investissem na seleção e formação de professores competentes e capazes de lecionar nessa área.

Considerando-se os ganhos que a música pode trazer para o desenvolvimento global da criança, bem como seus efeitos sobre o desenvolvimento de sua linguagem, deve-se pensá-la como um recurso precioso a ser lançado mão pelo fonoaudiólogo para seu trabalho fonoterápico.

Referências bibliográficas

BARDIN, I. - **Análise de Conteúdo**. 3ª Ed. Lisboa, Edições 70, 2004.

BRITO, Teca Alencar de . **Música na Educação Infantil**. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis, 2003.

CERVELLINI, N.H. **A musicalidade do surdo representação e estigma**. São Paulo, Plexus Editora, 2003

CERVELLINI, N.G.H. **A criança deficiente auditiva e suas reações à música**. São Paulo, Ed. Moraes, 1983

DINIZ, Juliane Aparecida Ribeiro. ***O percurso formativo musical de três professoras: o papel da música na formação inicial e na atuação profissional***. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) UFSCar. São Carlos.

FERLA, J.J ; SILVA, L.A 2008 – **A música na vida das crianças**. *Revista Pátio-Educação infantil, Ano 5, Nov 2007 / Fev 2008*

FLICK, U – **Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre, Brookman, 2004

GOULART, D - **Dalcroze, Orff, Suzuki e Kodály - Semelhanças, diferenças, especificidades**. Conservatório Brasileiro de Música RJ, 2000

LOUREIRO, A.M.A – **O ensino de música na escola fundamental**. Papirus Editora, São paulo, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E O DESPORTO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL.. **Referencial Curricular de Educação Infantil**. Brasília. 1998

NETO, J.B – **Música é linguagem?** . Revista eletrônica de musicologia, volume IX, Out, 2005

NOGUEIRA, M. A. - **A música e o desenvolvimento da criança**. *Revista da UFG, Vol. 5, No. 2, dez 2003 on line* (www.proec.ufg.br).

TELES, F. P – **A linguagem na vida da criança** (<http://meuartigo.brasilecola.com/educacao/a-linguagem-na-vida-crianca.htm>)

VYGOTSKY, L.S.: **Pensamento e linguagem**; tradução Camargo, Jefferson Luiz, 3ª edição; São Paulo, Martins Fontes; 2005

ANEXOS

Entrevista Semi-Dirigida (Anexo 2)

QUESTÕES FUNDAMENTAIS QUE DEVEM SER ABORDADAS NA ENTREVISTA SEMI-DIRIGIDA COM A PROFESSORA DE MÚSICA

- 1- Qual é sua formação básica?
- 2- Qual é a sua formação na área de música?
- 3- Com que propósitos você utiliza a música na educação infantil? Em quais momentos?
- 4- Como se desenvolve o seu trabalho com crianças de 2-3 anos?
- 5- Qual é o repertório escolhido? Quais os critérios de escolha?
- 6- Há quanto tempo realiza esse trabalho de música na Educação Infantil?
- 7- Qual é a duração de uma aula de música?
- 8- Quantas vezes na semana a aula ocorre?
9. Para você, qual a importância da música na educação infantil?
10. A seu ver, qual é o papel da música na aquisição e no desenvolvimento da linguagem das crianças?
11. E no desenvolvimento em geral?
12. Você observa outros efeitos no comportamento das crianças a partir da vivência musical?

Entrevista Semi-Dirigida (Anexo 3)

QUESTÕES FUNDAMENTAIS QUE DEVEM SER ABORDADAS NA ENTREVISTA SEMI-DIRIGIDA COM A PROFESSORA DE CLASSE REGULAR

- 1- Há quantos anos está formada e há quanto tempo trabalha com educação infantil?
- 2- Você participa das aulas de música?
- 3- Desenvolve o trabalho musical nas aulas regulares?
- 4- Como desenvolve esse trabalho?
- 5- Há quanto tempo realiza esse trabalho?
- 6- Para você, qual a importância da música na educação infantil?
- 7- A seu ver, qual é o papel da música na aquisição e no desenvolvimento da linguagem das crianças?
- 8- E no desenvolvimento em geral?
- 9- Você observa outros efeitos no comportamento das crianças a partir da vivência musical?

Carta para obtenção do consentimento livre e esclarecido (Anexo 4)

CARTA PARA OBTENÇÃO DO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PESQUISA QUE ENVOLVAM: ADULTOS, QUESTIONÁRIO E AVALIAÇÃO

Cara Senhora

Eu, Alessandra Berezovsky Garcia, estudante de fonoaudiologia da PUC-SP, portadora do CPF 402.203.798-90, RG 45.183.211-5, estabelecida na Av. Ricardo Medina Filho, 131 CEP 05057-100 na cidade de São Paulo, estado de São Paulo, cujo telefone de contato é (11) 3836-4692, vou desenvolver uma pesquisa cujo título é **O papel da música na aquisição e no desenvolvimento da linguagem, na Educação Infantil.**

O objetivo deste estudo é analisar o papel da música na aquisição e no desenvolvimento de linguagem. Todo esse procedimento deverá ocupá-la por aproximadamente 1 h.

No questionário a senhora irá responder sobre sua formação, como é o trabalho, qual a duração e seu ponto de vista sobre os possíveis resultados.

Sua participação nesta pesquisa é voluntária, não submete-la-á a riscos, e não gerará nenhum tipo de desconforto.

Sua participação não trará qualquer benefício direto, mas proporcionará um melhor conhecimento a respeito de resultados.

Informo que a Sra. tem a garantia de acesso, em qualquer etapa do estudo, sobre qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas. Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com Alessandra Berezovsky Garcia fone (11) 9364-4394, Profª Nadir da Glória Hagiara Cervellini fone (11) 9611-1989.

Também é garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo.

Garanto que as informações obtidas serão analisadas em conjunto com dados de outros entrevistados, não sendo divulgada a identificação de nenhum dos participantes.

A Sra. tem o direito de ser mantida atualizada sobre os resultados parciais da pesquisa e caso seja solicitada, darei todas as informações que desejar.

Não existirão despesas ou compensações pessoais para a participante em qualquer fase do estudo, incluindo exames e consultas. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

Eu me comprometo a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados serão veiculados através de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível sua identificação, nem da escola. Os dados dessa pesquisa poderão ser utilizados em estudos futuros sobre a mesma temática.

Anexo está o consentimento livre e esclarecido para ser assinado caso não tenha ficado qualquer dúvida.

Termo consentimento livre e esclarecido (Anexo 5)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Acredito ter sido suficientemente esclarecida à respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo que analisa **o papel da música na aquisição e no desenvolvimento da linguagem na Educação Infantil**. Eu discuti com a pesquisadora Alessandra Berezovsky Garcia sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.

Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer tempo. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Data ____/____/____

Assinatura do entrevistado

Nome:

Endereço:

RG.

Fone: ()

Data ____/____/____

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Carta para obtenção do consentimento livre e esclarecido (Anexo 6)

CARTA PARA OBTENÇÃO DO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PESQUISA QUE ENVOLVAM: INSTITUIÇÕES

Eu, Alessandra Berezovsky Garcia, estudante de fonoaudiologia da PUC-SP, portadora do CPF 402.203.798-90, RG 45.183.211-5, estabelecida na Av. Ricardo Medina Filho, 131 CEP 05057-100 na cidade de São Paulo, estado de São Paulo, cujo telefone de contato é (11) 3836-4692, vou desenvolver uma pesquisa cujo título é **O papel da música na aquisição e no desenvolvimento da linguagem, na Educação Infantil.**

O objetivo deste estudo é analisar o papel da música na aquisição e no desenvolvimento de linguagem de crianças de Educação Infantil. Todo esse procedimento deverá ter a duração aproximada de 2 horas, envolvendo duas entrevistas: uma com o professor da área de Música ou profissional responsável, e outra com um professor de classe.

Nas entrevistas os professores irão responder sobre sua formação, como é o trabalho que desenvolvem junto a crianças de Educação Infantil utilizando música, e, sob seu ponto de vista, quais são os ganhos que esse trabalho traz para o desenvolvimento da linguagem das crianças. A participação nesta pesquisa é voluntária, e não submeterá a escola a riscos.

A participação não trará qualquer benefício direto, mas proporcionará um melhor conhecimento a respeito de seus resultados, o que poderá resultar em ganhos para a educação.

Informo que a Sra. tem a garantia de acesso, em qualquer etapa do estudo, sobre qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas. Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com Alessandra Berezovsky Garcia fone (11) 9364-4394, Profª Nadir da Gloria Haguiara Cervellini fone (11) 9611-1989.

Também é garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo.

Garanto que as informações obtidas serão analisadas em conjunto com dados de outros entrevistados e estabelecimentos, não sendo divulgada a identificação de nenhum dos participantes e das instituições de ensino.

A escola tem o direito de ser mantida atualizada sobre os resultados parciais das pesquisas e caso seja solicitada, darei todas as informações que solicitar.

Não existirão despesas ou compensações pessoais para a participante em qualquer fase do estudo, incluindo exames e consultas. Também não há compensação financeira relacionada à participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

Eu me comprometo a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados serão veiculados através de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível sua identificação, nem da escola. Os dados dessa pesquisa poderão ser utilizados em estudos futuros sobre a mesma temática.

Anexo está o consentimento livre e esclarecido para ser assinado caso não tenha ficado qualquer dúvida.

Termo consentimento livre e esclarecido (Anexo 7)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Acredito ter sido suficientemente esclarecida à respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo que analisa **o papel da música na aquisição e no desenvolvimento da linguagem, na Educação Infantil**. Eu discuti com a pesquisadora Alessandra Berezovsky Garcia sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, a ausência de desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.

Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer tempo. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Data ____/____/____

Assinatura do responsável pela instituição

Nome:

Endereço:

RG.

Fone: ()

Data ____/____/____

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Entrevista com professora de classe escola “1”
(Anexo 8)

Entrevista com P1. – professora de classe da escola “1”

A: Fala para mim um pouquinho sobre a sua formação, há quanto tempo você está formada, o que você fez...

P1: Tá bom. Minha primeira formação foi em administração e aí depois que eu tive os filhos, depois que eu vi o que é o trabalho da escola que eu me apaixonei pela educação e fui fazer pedagogia. Então, eu sou formada há sete anos e há sete anos que eu trabalho aqui na escola.

A: Eu fiquei sabendo que a proposta da escola é diferente, que não tem aula de música. Como é esse trabalho com a música aqui?

P1: A escola vê a criança como um ser global e a gente desenvolve um trabalho em todas as áreas não tendo um professor especialista por exemplo artes visuais, a linguagem musical, a matemática, todas as áreas são desenvolvidas pela professora, pela equipe de professores só que a gente tem um respaldo que é: a gente tem acessores das áreas para a ajudar a gente a desenvolver o planejamento. Então a escola acredita que o professor não precisa ter a formação específica porém ele dá o subsídio para a gente desenvolver esse trabalho. Então, sempre que a gente sente necessidade de uma consulta, a gente chama o acessor, ou ele vem na sala, ou a gente faz reunião, desenvolve o planejamento, então é como se fosse uma formação continuada.

A: Vocês têm uma reunião regular?

P1: Não. Só quando a gente sente necessidade mesmo.

A: Então são os professores de classe que colocam a música na sala de aula.

P1: Sim, na verdade a música está dentro do currículo da educação infantil. Aí, dependendo da turma, a gente trabalha com um tema também, o tema que você está desenvolvendo, você pode por a música dentro do tema por exemplo, ou fazer um projeto paralelo de música. Aí depende um pouco do que você está trabalhando com as crianças.

A: Em uma turma de 2 a 3 anos, mais ou menos, qual seria o trabalho? Me fale um exemplo.

P1: Trabalhar os próprios instrumentos, por exemplo. Descobrir o som dos instrumentos, então, a professora pode apresentar alguns instrumentos uma vez, daí na outra vez apresenta outros e a gente trabalha muito com

brincadeiras, então aquelas brincadeiras de esconder o instrumento e tocar para adivinhar qual é aquele som, depois você pode chamar uma criança para fazer isso, como se fosse ele comandando a brincadeira, então eu acho que isso vai ajudando bastante a eles irem afinando o ouvido e distinguindo quais são estes instrumentos. As músicas estão muito presentes no nosso dia-a-dia, principalmente nessa faixa etária, então, no começo do dia a gente sempre faz a roda, e a roda dessa faixa etária, a gente fala que metade ou mais da metade vão para as músicas e a outra metade vai para conversas, de olhar o grupo, que é uma coisa que reúne e une, eles vão vendo entre si e vão cada vez mais avançando.

A: Você tem alguma formação na área da música?

P1: Não, não tenho

A: Para você, qual é a importância da música na educação infantil?

P1: (pensa um pouco) É muito grande, eu acho, né. Primeiro por causa do grupo, eu acho que a primeira coisa que a gente faz, na roda, é cantar uma música que é uma hora que eles se olham, eu acho que une muito, vai aparecendo as preferências deles, conforme eles vão criando um repertório da classe vão aparecendo as preferências de cada criança, eu acho que desenvolve bastante linguagem, o pensamento, muitas vezes a gente vê eles criando as próprias músicas... acho que é isso!

A: Então, você acha que a música tem um papel importante na aquisição de linguagem?

P1: Acho. Acho bastante.

A: Nessa faixa etária de 2 a 3 anos as crianças ainda falam pouco ou já chegam falando?

P1: Aí vai individual, né. Tem criança que tem um vocabulário muito bom, mas a maioria não. A maioria chega falando bem menos.

A: E aí você acha que a música ajuda bastante...

P1: Ajuda. Ajuda porque primeiro eles, (pausa) a repetição, né. Eu acho que é uma forma de aprendizado. Primeiro eles começam imitando, repetindo e depois eles vão se apropriando daquelas palavras que aparecem nas músicas.

A: E eles gostam?

P1: Muito! (risos)

A: No desenvolvimento geral, em outros aspectos, você acha que é importante também?

P1: Eu acho que sim. Tem muitas músicas que estão em brincadeiras, por exemplo, então a gente valoriza demais, e eles também. Acho que vai promovendo o desenvolvimento deles. É difícil a gente falar “olha, isso aqui ele conquistou por conta da música”, é um trabalho geral, mas tem muita coisa que vem dessa música, eu acho. A gente não consegue fazer um link direto, mas é do próprio desenvolvimento deles.

A: Você observa outros efeitos no comportamento das crianças a partir da vivência musical?

P1: Vou te dar um exemplo: Ano passado a gente pesquisou bastante sons. Os sons diversos, não só a música. Então, em uma das propostas eu dei uma baqueta e a gente saiu batendo por aí. Passou uma ou duas semanas, as crianças começaram a descobrir sons, por exemplo uma criança que deixou cair uma caixa de brinquedos, os legos caíram no chão e aí ele veio me chamar “Olha M., olha o som que eu consegui, que eu escutei”, não lembro exatamente, e aí virou uma brincadeira na verdade né e deixou eles abertos para isso, deixou eles atentos a essas coisas que iam acontecendo e traziam para a gente.

A: Tem mais alguma coisa que você acha importante, que gostaria de comentar?

P1: Eu acho importante (pausa) O fato de a escola não ter um professor especialista, eu acho que vem como um ganho muito grande porque o professor especialista viria com uma aula mais ou menos fechada, com um objetivo claro e a gente, não sendo especialista e estando com a turma, conhecendo bem a turma, todos eles, quando aparece uma coisa nova, por exemplo esse semestre: a gente está trabalhando uma história que eles criaram e vamos sonorizar essa história. Aí, nós estávamos escolhendo os sons para essa história e uma hora tinha uma criança cansada que sentou no chão e começou a bater um banquinho no chão e eu conhecendo que ele estava cansado, que eu sabia que era uma criança que estava interessada mas que estava num momento cansado, eu trouxe isso para a história. Então eu falei assim “Olha o som que ele está fazendo! O que pode ser da nossa história?”.

Muitas vezes quando a gente tem uma sala agitada e é difícil dar uma acalmada neles e a gente precisa que eles aprendam a respeitar um ao outro na hora de falar, a gente muitas vezes escolhe algumas músicas que tenham tempos de espera, sabe? Que tenha um ritmo determinado pra que eles saibam que tem a hora de falar e tem a hora de esperar e isso, acho que ajuda bastante também. As vezes “que nem” escravos de jó que a gente canta e música e depois faz só os gestos ou canta “hum hum hum” ou “nã nã nã” né, e tem um momento que a gente só faz os gestos, tanto é que a gente fala “dentro

da cabeça". É um momento que a gente vê que o grupo percebe que não é só o falar, que tem que esperar um pouco, tem que ouvir também

A: Tem mais alguma exemplo, mais alguma atividade que você possa contar?

P1: (pensa um pouco) Tem uma coisa que a gente gosta de fazer também nessa faixa etária que é som de corpo, né. Muitas vezes na brincadeira de seu mestre, que é em roda, cada um faz um som com o corpo, com a boca e aí os outros repetem e aí vai passando. Então aí, a gente cria a oportunidade de cada um aparecer dentro do grupo, de trabalhar o grupo e de trabalhar essa diferença de sons mesmo né e eles vão percebendo isso

Entrevista com coordenador da área de música da escola “1” (Anexo 9)

Entrevista com P2. – Coordenador da área de música da escola “1”

A: Me fale um pouco sobre sua formação

P2: Olha, eu estudei alguns anos de medicina, há muito tempo atrás, que foram interrompidos pelo golpe militar. Em 1976 acabei não acabando a faculdade e enveredando por outros caminhos; na verdade informais do ponto de vista acadêmico, porém, digamos formais em formação, ou seja, quando eu comecei a trabalhar simultaneamente com música e com teatro que foram mais ou menos na mesma época, eu comecei a estudar por conta própria em escolas de cursos livres mesmo; só que eu fui atrás daqueles que me interessavam. Então eu estudei violão popular, violão erudito, harmonia, percussão, práticas de conjunto, estudei teatro, dança, enfim, fui construindo um saber a partir da vontade, da necessidade, e do encontro das novas experiências. A partir dessas novas experiências, eu fui buscando aquilo que me interessava. Numa formação, que ao mesmo tempo teve essa formalidade de frequentar escolas, teve a informalidade de que a escolha desse material fui eu mesmo que fiz e não uma instituição. Então essa é minha história, digamos, minha vida acadêmica parou na faculdade de medicina, depois na música e na arte em geral, foi uma busca de diversos materiais que me interessavam.

A: Você nunca pensou em fazer faculdade de música?

P2: Não. Não pensei. O percurso para trabalhar na música também foi um percurso muito (pausa) digamos, inesperado. Hoje já são 30 anos, mas não foi inicialmente aquilo que eu procurava. Quando eu pensei em fazer faculdade, depois da medicina, eu pensei em fazer cinema, essa era uma coisa que eu queria. Na verdade, a questão de música e teatro, fazer arte, tem muito mais a ver com a poética do que com uma linguagem específica. Para mim, a música e o teatro têm muito a ver com essa vontade de fazer poesia, só que não através da poesia escrita por mão.

A: Com que propósitos você utiliza a música na educação infantil?

P2: Em primeiro lugar a música é uma linguagem, então a gente não faz música porque quer que a música ajude para alguma coisa particular e sim porque ela é uma linguagem expressiva. Ou seja, o que eu penso e a escola também pensa que é uma linguagem a ser desenvolvida na formação do indivíduo, na formação como um todo e na possibilidade de ele ter um canal de expressão, uma maneira de expressão através dessa linguagem. A gente sabe que existem muitos desdobramentos disso, ok? Só que o objetivo é não usar a música para alguma outra coisa e sim, trabalhar a linguagem musical no

sentido de poder construir um saber que germine, que brote na criança como uma possibilidade expressiva. Poder adquirir, vivenciar, experimentar, praticar os elementos da linguagem como um canal de expressão.

A: Como se desenvolve o seu trabalho com crianças de 2 a 3 anos?

P2: Aqui na escola, sou coordenador da área de música e também de corpo e movimento. Nessa instituição a maneira como se trabalha é um pouco diferente das maneiras nas quais se trabalham, ou seja eu não sou professor de música, eu coordeno equipes e essas equipes têm em primeiro lugar professores de apoio, ou seja, no caso da música eu tenho duas professoras que trabalham comigo e que fazem junto comigo, mas especialmente elas trabalham mais com canto, eu trabalho mais o corpo a corpo com crianças e professores mas nós trabalhamos na formação desses professores. Essa formação inclui muitas possibilidades ao longo do ano letivo. Então a gente faz oficina onde a gente brinca com a linguagem, a gente faz reuniões com as diversas faixas etárias, a gente faz reuniões específicas com as equipes de professores onde a gente discute as necessidades, vontades, as realidades, as dificuldades e as potencialidades de cada uma dessas áreas, especificamente, você pensa em 2 a 3 anos, trabalhamos como grupo amarelo (2 anos) e laranja (3 anos). Onde a gente vê o dia-a-dia que se relaciona com essa linguagem e onde a gente oferece instrumentação para esses professores trabalharem com essa linguagem e é dessa maneira que se trabalha as linguagens artísticas aqui na escola.

A: Há quanto tempo você realiza esse trabalho? É só nessa escola?

P2: Não, eu trabalhei em outras escolas antes. Eu já fui professor de música diretamente, antes dessa escola, em duas escolas formais, digamos, e fora isso também na casa teatro que a parte das crianças do Célia Helena. que já juntava e junta até hoje a questão de teatro e de música. E em 1986 que eu vim aqui na escola, convidado pela diretora da escola, que já faleceu, e onde eu trouxe, perante esse convite de ser o professor de música da escola, eu trouxe essa proposta de trabalhar dessa maneira um pouco diferenciada.

A: Então você nunca tinha trabalhado antes com essa proposta.

P2: Não, em uma das escolas que eu tinha trabalhado como professor eu trabalhava dessa maneira com as professoras que trabalhavam com os pequeninhos. Trabalhava com as crianças bem novinhas, de um ano e meio á dois anos. Como não se trabalhava diretamente com as crianças, eu trabalhava com as professoras e foi lá que começou a perceber que a isso tinha, na relação de vantagem e desvantagens, um grande ganho onde o professor de classe podia administrar, ao meu ver, uma maneira muito mais orgânica, muito mais fluente, muito mais coerente no trabalho musical nas

relações do trabalho como um todo. Então, a partir dessa experiência que eu trouxe a proposta para essa escola. Então porque que eu digo que eu avalio como mais interessante essa proposta: O professor de música às vezes dá 20 aulas diferentes, sempre juntas em um ou dois dias para poder utilizar o tempo, 20 grupos diferentes e tem que saber o nome de “quatrocentas” crianças, o que eles estão fazendo na classe, de onde eles vêm, pra onde eles vão, seus interesses, isso é muito complicado. No entanto, o professor de classe, ao mesmo tempo que ele tem pouca formação na área, ele sabe como estabelecer essas relações. Então, a música se relaciona com todas as outras atividades artísticas, todos os saberes científicos, pedagógicos no geral de uma maneira muito mais coerente. Então, qual é a nossa preocupação: ajudá-los nessa formação específica da área, a gente contribui com essa formação.

A: Pra você, qual é a importância da música na educação infantil?

P2: Ao meu ver, é fundamental, porque essa (pausa) essa questão expressiva, ou seja, ajudar a criança a achar canais de expressão tem a ver com a construção e formação dessa criança como indivíduo, para a vida toda né. Vistas as experiências em si, eu vou trabalhar, digamos, todas as suas percepções, claro que auditiva em primeiro lugar, mas as percepções como um todo, suas possibilidades de expressão vocal, vou trabalhar as questões rítmicas, as questões melódicas que portanto, se relacionam diretamente com a fala e com as possibilidades da fala, vou trabalhar o conhecimento do mundo cultural na medida em que a música vem de povos diferentes, de culturas diferentes, épocas diferentes, idiomas diferentes. Ela é absolutamente ampla, absolutamente rica e essencial na formação dessas crianças.

A: Ao seu ver, qual é o papel da música na aquisição de linguagem e no desenvolvimento?

G: Em geral, muitas das crianças cantam antes de falar, isso a gente observa objetivamente. Então, seja do ponto de vista melódico, seja do ponto de vista rítmico, ela é, digamos, um ingrediente fundamental porque as crianças aprender a ouvir. Acho que tem uma questão que é a afetividade dessa escuta que é muito forte, né. Mexe muito com a afetividade, com esse gostar do mundo das músicas que são músicas infantis, mas que não necessariamente só músicas infantis, né. A gente trabalha com o dito trabalho infantil, mas trabalhamos com o repertório popular, trabalhamos com música erudita, trabalhamos com músicas de outros lugares do mundo. Então, desses elementos todos, você pode ir, digamos, pinçando diversos elementos que tem a ver com a construção da linguagem. Ritmo, melodia, afinidade auditiva, tudo isso são elementos que você precisa para adquirir linguagem e poder exercer linguagem.

A: Você pode me dar alguns exemplos do repertório que utiliza com as crianças?

P2: Todos. Tudo. Ou seja, desde as cantigas populares tradicionais até MPB, que é muito rica e a gente vai brincando que parece que tem momentos históricos que vão se construindo junto com a idade das crianças. A gente observa muito como começa a aparecer. No começo é muito grande a ocupação do espaço do repertório com essas cantigas tradicionais, com as músicas populares anônimas brasileiras. Depois começa a aparecer o “Leãozinho”, depois começam a aparecer algumas coisas da Rita Lee, começa aparecer, óbvio, na proposta dos professores, mas também no que as crianças trazem, no que os pais trazem, a gente resgata muito o repertório dos pais junto com isso e digamos “Chico”, “Caetano”, “Jobim” aparecem muito nesse repertório. Assim, ouve-se muita coisa. m propostas pelos professores. Esse repertório tradicional e a MPB são bem importantes. Não somente MPB atual, digamos que sempre: antes de Noel Rosa, Cartola, passando por Jobim, passando por Vinicius, em fim, tudo isso faz parte a gente vai adequando isso não só às idades mas as vontades e aos temas que os grupos levantam. Ou seja isso sempre está contextualizado, sempre se relaciona com alguma coisa que tem a ver com o grupo, com algum estudo que está sendo desenvolvido, com os membros, com o espaço, com o assunto que foi levantado espontaneamente. Por isso que aquela premissa do professor de classe vale tanto. Ele vai saber introduzir a música de uma maneira muito mais coerente do que eu chegar às 10:35 da manhã na terça-feira para dar uma música que não tem a ver com esse grupo. Os professores contam com nosso apoio para essa escolha, para levantar o repertório e como um detalhe particular importante, a gente também produz música aqui dentro. Tem um CD que produzimos aqui na escola há um tempo, que é de músicas que eu fiz para teatro infantil e uma parte de músicas que eu fiz a partir de todos os trabalhos das crianças na escola. O trabalho se chama roda gigante e está na roda até hoje. A gente convidou cantores e intérpretes muito bacanas. Houve muita produção de música aqui dentro. A gente pensa a escola não só como uma consumidora de cultura, mas também como uma produtora de cultura, se cria cultura na escola. Não se reproduz apenas o que vem de fora e a música faz parte disso.

A: E no desenvolvimento em geral? Você percebe efeitos?

P2: A questão expressiva é fundamental, a questão rítmica, corporal porque a gente quando cantar, não canta somente com o aparelho fonador, a gente canta com o corpo todo. O dançar vem junto, a relação de corpo e movimento, de ocupação de espaço, e todos esses sentidos a música contribui de uma maneira fundamental. Percepção auditiva, expressão, noção de espaço, noção de tempo, o tempo é absolutamente essencial na música, a questão afetiva, a

questão dos gostos em geral, não só do gosto musical que vai te acompanhar na vida toda. É só você parar um pouquinho e lembrar da sua história musical.

A: E o comportamento das crianças a parti da vivência com a música? Você nota alguma mudança?

P2: Tem uma coisa fundamental que é a alegria que as crianças sentem ao cantar, ao ouvir, ao perceber, ao se identificar, ao fazer relações, é uma mudança comportamental grande, ou seja, a felicidade é nítida. Falo pelas crianças, falo pelos meus filhos pequenos, é prazer, música é prazer. Especialmente dessa maneira na qual temos trabalhado atualmente. Há trinta, quarenta anos atrás o estudo da música era muito chato. Especialmente quando se usava o castigo, bater na mão quando você errada alguma coisa, o dever ser e não o curtir ser. Então hoje, por sorte, pela pesquisa de muita gente a música tem sido uma coisa muito prazerosa sem excluir o rigor, sem excluir o estudo. A gente vê muito a integração dos grupos nesse sentido de comportamento também é visível e contribui muito no senso rítmico que é fundamental nas outras áreas.

A: Tem mais alguma coisa que você gostari de acrescentar?

P2: É tão variavel esse leque de atividades que é difícil te dar exemplos porque a gente faz muitas coisas diferentes. Canta-se muito na escola, isso é fato. Isso é um dos elementos centrais porque ele sintetiza muitos elementos da música porque na medida em que você canta, você tem que ouvir, você vai desenvolver qualidades melódicas, rítmicas, vai entrar em contato com os movimentos harmônicos, vai criar laços afetivos com histórias que as músicas infantis contam mas que estão presentes em outros gêneros também, você vai colocar teu corpo em funcionamento né, a gente diz isso, que cantar faz sentido na medida que você corporiza a música, ela vira parte do seu corpo, é uma coisa que vai de dentro para fora literalmente. Então, nesse sentido, cantar é fundamental e faz parte essencial do trabalho. Agora, a gente explora muito o ambiente. Tem todo um leque de atividades que tem a ver com essa exploração do ambiente seja da que se ouve na escola relacionado com a cidade, com os bichos que temos na escola, seja um material presente no caminho, na parede, no chão, no banheiro, na cozinha, a gente cria histórias, a gente sonoriza histórias para dar sentido a essa exploração e para começar trabalhar a questão sequencial. A história começa a ajudar a entender esse caminho temporal dos sons, a gente trabalha organização de sons de muitas maneiras. Então a questão do arranjo, por exemplo, está presente. Não um arranjo entendido como um arranjador de orquestra entende, mas sim na escolha do material sonoro, na sequência desse material, na questão da densidade em termo musical que o importante as vezes é um pouco desprezado que é a questão da quantidade de eventos sonoros em um

determinado momento, o solo, a dupla, poucos instrumentos ou muitos instrumentos juntos, enfim, é um mundo que não para. Nós não temos uma receita para os 3 anos, mas temos sim pressupostos curriculares. Que são absolutamente flexíveis. Vai muito do grupo, essa proposta curricular é por faixa etária mas é muito mais uma ajuda de pensamento de organização do que um programa rígido a ser seguido e para situar a professora daquilo que mais ou menos se espera daquela faixa etária. Cada grupo percorre o seu caminho. A escolha do material não é uma escolha solta e descuidada. É orientada pelos professores, é alimentada pelos professores. A criança não escolhe muito o que quer cantar e a gente vai sempre trazendo material para mostrar. É sempre um caminho de ida e volta ou seja, não é uma coisa absolutamente dirigida no sentido de que elas vão cantar só isso, mas também não cantam somente o que querem. Nós achamos que é bacana você conhecer esse repertório “x”. É assim que funciona.

A: O fato das professoras não terem uma formação musical, você acha que não interfere em nada, então?

P2: Eu não diria que não interfere. Quando a gente contrata os professores, a gente valoriza certas características. Nós temos sim, muitos professores que são músicos.

A: Estou te perguntando isso porque a professora que entrevistei anteriormente não tem formação musical...

P2: Ela não tem, mas tem muito que são. Assim como tem muitos que são artistas plásticos, outros que são bailarinos, outros que são cientistas, tem outros que são psicólogos, pedagogos, a gente acredita que nessa junção de todos eles, é que se dá o passo a frente, onde se dá a criação diferente a cada ano, a cada grupo, a cada nova experiência. Ou seja, a troca entre esses professores. De fato tem alguns que não tem formação musical, outros tem. A gente tenta primeiro trazer os que tem formação musical para o convívio social, convívio com os outros grupos. Segundo, fornecer os elementos necessários, mesmo que mínimos para todos os professores exercerem o trabalho. É interessante dizer isso, mas quantos professores são formados em matemática? Com formação em formação em faculdade de matemática. E não se ensina matemática na escola? Quantos são formados em letras? E não se fala de literatura na escola? Então há com a música uma espécie de preconceito, o que não significa que todos os professores tenham que ter o mínimo de formação em matemática, o mínimo de formação de língua portuguesa, lógico isso exige o mínimo como professor, a música também. Quantos artistas plásticos são professores de escola? Agora, não se desenha, não se pinta na escola? Esse é o conceito. O professor da nossa escola tem que ir atrás do conhecimento múltiplo, da diversidade de linguagem. A escola

instrumenta minimamente a cada uma dessas linguagens para aquilo que julgamos ser necessário para cada faixa etária. Claro, que quando é um professor músico ou quando a gente traz alguém conhecido da linguagem a gente tem um ganho, é lógico. Mas também temos um ganho quando vem um cientista falar de alguma questão física para os alunos. Agora, lógico, quanto mais soubermos sobre qualquer coisa melhor será.

**Entrevista com professora de classe da escola “2”
(Anexo 10)**

Entrevista P3. – professora de classe da escola “2”

A: Me conta um pouco sobre a sua formação

P3: Sou formada a 5 anos, trabalho com educação infantil desde que me formei. Fiz pedagogia no Mackenzie e especializada em educação infantil.

A: Qual é a sua participação nas aulas de música? Tem algum trabalho conjunto com a professora?

P3: Não, é separado. A gente faz o trabalho também de música, fichas de músicas que eu trabalho com as crianças também, trabalho cantando músicas em alguns momentos da rotina, mas não tenho nenhum trabalho paralelo com a professora de música.

A: Você tem alguns exemplos para me dar sobre o que você usa de música na sua aula?

P3: Então, a gente trabalha bastante com parlenda, para alguma brincadeira e música a gente trabalha na área de linguagem mesmo para ajuda a criança a decorar músicas e ajudar na fala também, memorização, então a gente trabalha bastante com isso. Tem algumas fichas com imagens de algumas músicas e cada um escolhe a ficha para cantar a música. É mais ou menos isso que eu trabalho com música. Agora a aula de música é separada do que a gente faz aqui.

A: Para você qual é a importância da música na educação infantil?

P3: Eu acho bem isso, para a criança poder se expressar melhor, para uma criança que tem uma certa timidez também ajuda a se soltar, ajuda na linguagem também.

A: Então, ao seu ver a música tem um papel importante na aquisição e no desenvolvimento da linguagem?

P3: Sim, com certeza. Eu acho bem isso, ajuda na fala da criança, na expressão oral e corporal, ajuda a criança a se soltar mais, falar mais. A memorização das músicas também, isso ajuda na memória.

A: E efeitos no comportamento delas? Você nota alguns? Ou ao sair da aula de música você percebe alguma mudança?

P3: Eles gostam bastante de música, inclusive quando eu faço essa roda de música com eles é um momento que eles gostam bastante, eles ficam super interessado. Acho que dá uma tranquilidade na sala.

A: Você não tem nenhuma formação na área de música, né?

P3: Não, nada a ver com música! Sou formada só na área de pedagogia infantil.

**Entrevista com professora de música da escola “2”
(Anexo 11)**

Entrevista com P4. – professora de música da escola “2”

A: Me fala um pouquinho sobre sua formação

P4: Sou de uma família de músicos, comecei a estudar música com a minha mãe que é pianista, depois eu fiz um curso de flauta doce, que comecei com sete anos, depois comecei com professor particular, depois fiz um conservatório por mais quatro anos, depois estudei na escola municipal de música mais sete anos de flauta doce mais aulas teóricas. Aí, fiz faculdade de artes plásticas e fiz curso de especialização em pedagogia musical sobre o método Kodály que é um pedagogo musical húngaro, fiz 5 anos de especialização por esse método e fiz um curso na ECA que é arte e educação. Tudo o que fiz, sempre ligada a educação.

A: Com que propósitos você utiliza a música na educação infantil? Qual é a frequência?

P4: Bom, eu sou a professora especialista de música da escola. Minha aula tem duração de 40 minutos, a partir de três anos de idade e 30 minutos de um ano até uns três anos de idade sempre uma vez por semana.

A música funciona estimulando todas as áreas do ser humano, então desde auxiliar a memória, concentração, autonomia, coordenação motora, lida com a questão social de uma maneira muito intensa também e os conhecimentos musicais servem também para a pessoa no futuro ter até talvez um auto conhecimento maior porque é uma parte dela que precisa ser bem colocada. Então, uma pessoa que trabalha de maneira organizada, ou seja, o professor de música que tem uma formação específica em educação musical, que então ele vai saber de que maneira cada idade aprende, de que maneira cada idade se relaciona com os conteúdos e vai saber organizar esses conteúdos de uma maneira sistematizada dentro de um curso, dentro de um período de um ano, esse professor pelo menos teoricamente vai conseguir fazer com que esses elementos sejam incorporados pela criança e conforme vão sendo assimilados, vão fazendo parte da vida dessa criança de maneira que ela vai ter primeiro alguns sintomas, digamos assim, ela vai ser mais afinada, vai ter um ritmo mais seguro, ou seja, ela vai desenvolver habilidades musicais que ela não desenvolveria tão bem se não tivesse esse curso sistematizado. Mesmo as pessoas que já nascem muito habilidosas, vão ainda além. As pessoas que não nascem tão habilidosas ou que não tem tanto estímulo, vão tendo a oportunidade de desenvolver. Além dessas habilidades que vão sendo desenvolvidas, ela também vai desenvolver o outro lado, que é o lado da sociabilidade porque a música é muito social, você trabalha sempre em grupo, você tem que ouvir o que o outro está fazendo, você tem que perceber em que

momento da música você vai entrar, em que você vai participar, em que você vai fazer determinada coisa que foi previamente combinada como um ritmo ou um canto. É uma “coisa” que requer espera, atenção, contribuição social. Então ela vai ter que desenvolver esse tipo de habilidade além das habilidades musicais propriamente ditas, vai desenvolver essas habilidades que estão muito ligadas a questão social, mas é um social ligado a arte, ligada a criatividade. Além disso, tem aquilo que eu já tinha falado que é a questão do auto conhecimento, porque na medida em que você conhece a sua voz, que é o instrumento que eu mais trabalho, que é o principal instrumento para a musicalização, pois é um instrumento que já nasce com a criança. A voz está ligada com a fala. Exploramos os sons que a voz permite pensar executando palavra propriamente ditas. Isso é uma coisa que a música faz e que outras áreas não fazem. Então, é uma parte que precisa ser explorada também, que é a maneira que você vai colocar a voz, então na medida em que você está trabalhando com isso de uma maneira sistematizada, você vai estar levando o aluno a uma espécie de auto conhecimento porque ele vai conhecer sua voz, e a voz é um pouco do reflexo de como a pessoa pensa, de como a pessoa se coloca. Então, evidentemente, não faço vocalizes com as crianças nessa escola porque os mais velhos aqui tem 6 anos de idade, mas faço brincadeira em que a gente tem que explorar a voz de maneiras diferentes como por exemplo imitar bichos, fazendo som de chuva, paisagens sonoras, coisas assim que faz com que as crianças explorem a voz de outras maneiras. A voz está sempre associada a um contexto, então se a gente vai fazer uma brincadeira de bicho para daí levar isso para uma brincadeira de roda, por exemplo. Aí a gente explorar um instrumento e depois cantar junto com esse instrumento, então a voz está sendo colocada de diversas maneira e articulando com outros conteúdos. Mas é o principal instrumento que eu tenho para o trabalho, mais do que os instrumentos que eu olho o grupo e não o individual e não é aula de instrumento e sim de musicalização. Então, a gente brinca bastante exercendo de diversas maneiras as possibilidades da voz.

A: Isso com todas as idades?

P4: Desde os pequeninhos. Então desde falando mesmo, a letra da música até brincando de vocalizar um pouco, fazer ruídos e sons que eles adoram né. A voz está sempre associada a uma brincadeira, como eu falei, a gente brinca de imitar mas sempre tem uma brincadeira com isso porque a condição do corpo para as crianças é extremamente importante, por isso está associado a um contexto lúdico. Então ou é uma brincadeira propriamente dita, como uma brincadeira de roda, uma brincadeira de trêm, ou uma brincadeira de gestos, sei lá, ou está associada a um tipo de exploração que reflete esse tipo de brincadeira.

A: Você poderia me dar exemplos do trabalho com crianças de 2 a 3 anos de idade?

P4: Com os pequenos, de 1 ano ainda, o foco está bem mais ligado a sensibilização musical. Com 2 para 3 anos, a gente continua isso, mas aí a gente já coloca outros conteúdos também, não que não tivesse antes mas agora de uma maneira mais específica, por exemplo: o pequenos, que não é o seu foco no trabalho, eles terem um vínculo comigo já é um grande passo. Eles associarem a música a uma coisa interessante, legal na escola, porque eles estão em um período de adaptação, estão ficando longe da mãe pela primeira vez, já é um grande passo. Então as brincadeiras são sempre associadas a uma coisa mais afetivo, uma música afetiva, apropriando dessas coisas, então a gente brinca de fazer forte e fraco, agudo e grave em decorrência de uma brincadeira, então tem o coelhinho que está andando em cima da graminha e vai, e depois tem o elefante andando (agrava a voz). Então, a brincadeira que envolve essas coisas, a gente executa depois em um instrumento, na voz, em movimento de corpo. De 2 a 3 anos, eles já estão um pouco acostumados com isso e já estão executando. A maioria das crianças entra na escola na faixa dos pequenos mesmo. Então, eles já começam a ter uma complexidade um pouquinho maior, então não é mais só forte e fraco ou agudo e grave, tem uma graduação entre eles. Eles então começam a perceber essa graduação, começam a conseguir executar, começam a identificar. O meu foco principal é sensibilização ainda, então eu faço muitas atividades ligadas a eles perceberem de maneiras diferentes uma música ou um elemento da música que eu quero que eles percebam. Eles ainda não tem uma coordenação motora para fazer algumas coisas, mas eles já tem a intenção. Claro que na classe toda sempre tem um mais distraído, mas é uma questão de tempo, cada um tem seu ponto de maturação. Então, além de explorar a sensibilização, nós interagimos de maneiras diferentes com a música. A própria maneira de apresentar a música pede que a criança interaja diferente, então eu pego por esse caminho. Então, como eu vou apresentar para as crianças interagirem? Que propostas eu vou dar para eles interagirem de maneiras diferentes? Por exemplo, se eu brincar sempre de fazer forte e fraco ele vão fazer isso, mas se eu associar o forte e fraco a uma outra questão junto, como se forte e ao mesmo tempo agudo ou ser forte e ao mesmo tempo grave, parece fácil, mas as crianças fazem uma confusão muito grande com isso porque para eles grave é a mesma coisa que forte e agudo é a mesma coisa que fraco, eles demoram um tempo para perceber isso, então eu vou colocando isso e fazendo brincadeiras que eles vão aos poucos percebendo essas diferenças. Sempre tem que estar em um contexto lúdico, sempre com uma brincadeira. Então, cada aula eu elejo algum tema e aí a gente faz algumas brincadeira que contemplem isso. Na mesma brincadeira eu posso enfatizar um aspecto e ou em outro. Então as brincadeiras são muito repetidas, faço durante anos a mesma

brincadeira, não em toda aula. Eu vou passar essas brincadeiras mas cada vez que eu retomo eu focar de uma outra maneira e as crianças gostam porque elas gostam que de certa maneira haja uma repetição, mas ao mesmo tempo gostam de desafios novos, porque a brincadeira não será executada da mesma maneira. Então eu falo “Hoje a brincadeira vai ficar bem mais complicada, vocês vão ficar até de cabelo em pé, hoje a gente vai ter que fazer um gigante andando bem devagar “ e na outra vez não tinha gigante nenhum, era um outra coisa que fazíamos com a mesma música, por exemplo. Então, com isso, estou lidando com a questão da sensibilização, como eu falei, mas também colocando cada vez mais desafios em que eles tem que executar, interagir, ou seja, eles tem que cantar, tocar instrumentos e colcar questões corporais como gestos ou movimentos livres associados a isso. É um caminho.

A: Qual é o repertório escolhido?

P4: Para os pequenos, tem bastante músicas conhecidas, músicas bem chavão mesmo como “atirei o pau no gato” porque para eles é uma referência importante. Quando as crianças estão entrando na escola no grupo 2, no grupo 3, é importante ter uma música que eles conheçam pela mãe, pela babá, pela avó. Eu uso a mesma música mas de uma maneira que dificilmente a babá ou a avó vão colocar, eu tenho a obrigação de ter uma afinação impecável, de colocar essa música com uma instrumentação, enfim, eu vou trabalhar essa música de uma outra maneira que em casa não é trabalhada, pelo menos não na maior parte dos casos. Além disso, tem uma outra parte de repertórios que são de músicas não conhecidas e que são trabalhadas juntas. Aos poucos, as músicas conhecidas vão sendo descartadas, é uma coisa mais inicial mesmo como uma referência de casa, tem a ver com a adaptação das crianças. Tem também uma grande parte das músicas que são músicas tradicionais, músicas folclóricas que são menos conhecidas mas que tem uma riqueza muito grande. Eu sempre dou uma explorada pela música antes de passar para as crianças para ver se a tessitura e o tipo de utilização vai ser uma coisa adequada para elas. Tem também algumas músicas que são músicas compostas por pedagogos, algumas até por mim mesma que tem uma finalidade pedagógica. Não obrigatoriamente uma música muito “maravilhosa” do ponto de vista musical, mas interessante do ponto de vista pedagógico porque eles fazem coisas que são interessantes para eles. Esse é o principal repertório. Tem muitas coisas associadas a temas infantis também como bichos e brincadeiras mas a temática da letra é o menos importante para mim. O que importa mais é a questão melódica rítmica porque é o que eu vou explorar com eles. A melodia permite que eles cantem, como é que a frase vai se desenvolver, porque existe uma graduação e até com relação a afinação eu sigo os conhecimentos do Kodály, que eu te falei, que ele tem uma forma específica de trabalhar com a questão da afinação, então ele começa com um intervalo da terça menor e ele coloca a quinta, depois ele coloca a sexta, vai tendo uma graduação desses

intervalos. Eu trabalho “N” músicas, mas as que eu vou trabalhar as questões melódicas eu sigo essa caminho. Isso está diluído dentro do repertório, quem vai assistir a aula provavelmente nem vai observar porque tem outras coisas acontecendo simultaneamente, mas no caminho do canto eu sigo esse trajeto que é um trajeto já consagrado desde a década de 40 pelo Kodály.

A: Há quanto tempo você realiza esse trabalho?

P4: Aqui na escola ou em outras escolas?

A: No geral.

P4: Bom, eu comecei a dar aula de flauta com 18 anos. Com aula de musicalização acho que foi com 19, 20 mas eu não tinha essa formação ainda.

A: E aqui nessa escola?

P4: Aqui desde 2001. Mas eu fui passando por várias escolas. Não sei precisar quando comecei com esse foco, mas foi modificando a cada ano.

A: Você trabalha só aqui?

P4 No momento eu trabalho também em uma escola de música. Eu dou aula de musicalização e flauta

A: Para você, qual é a importância da música na educação infantil?

P4: Eu já falei um pouco né, acho que a gente pode acrescentar. Tem uma questão que eu acho que não falei, que é interagir as áreas. Uma coisa que a gente já trabalhou aqui, que eu costumo trabalhar é fazer coisas que tenham a ver com as áreas das professoras. Por exemplo: uma professora fez um trabalho agora sobre o Japão, e eu introduzi uma música do Japão. Foi uma fatia da minha aula e uma fatia do trabalho dela. Eu passei a letra para ela, passei a música para as crianças e ela trabalhou outras coisas do Japão. Para eles é muito importante porque quando você tem essa interatividade. Isso é uma possibilidade, não é obrigatório. Não é uma coisa que acontece sempre porque vai depender de diversas coisas, de “N” fatores como a idade, o trabalho que a professora está realizando, o que ela está fazendo naquele momento mas é possível. Essa é uma interação real. Existem muitas escolas que tem aquela coisa de que quando pede ajuda do professor de música como muleta e aqui nessa escola não tem.

A: Você costuma ter reuniões com as professoras de classe?

P4: A gente não costuma ter reuniões formais. A gente se encontra (pausa) agora eu também estava fazendo um trabalho sobre a Itália, com uma professora que estava falando sobre a Itália. O trabalho é dela, o projeto é

dela, mas eu falei “ Eu tenho uma música da Itália, você quer?” e ela falou que sim. Eu passei a letra para ela e eu trabalho. Ela não vai trabalhar música. Ela faz “N” coisas com a Itália e eu vou trabalhar com a música. Na hora que eu chego na classe com aquela música os olhinhos das crianças brilham porque eles têm referências de outros lugares, de outras maneiras. Então, na verdade, é um parágrafo a mais do trabalho já feito.

A: E para você, qual é o papel da música na aquisição e no desenvolvimento na linguagem?

P4: Isso tem a ver com a exploração da voz, com a exploração do corpo como instrumento produtor de sons, tem a ver com o desenvolvimento do ouvido principalmente. Algumas pessoas falam “ Ah, vamos fazer um trabalho de apreciação musical” , mas eu acho que 90% dessas pessoas não faz um trabalho de apreciação musical porque não é só você ligar o “play”. As pessoas não vão ouvir. Nem adulto, ele está lá pensando na conta bancária que ele tem que fazer. Você tem que saber como direcionar e o trabalho é longo, é um processo de desenvolvimento do ouvido interior. Esse termo também não é meu, esse termo é do próprio Kodály. Ele fala que ele desenvolveu o ouvido interior que analisa, que classifica. Tem que ter duas coisas: uma sensibilidade desenvolvida que tem a ver com o conhecimento porque você ouve de maneira diferente conforme você vai tendo os maiores ou menores conhecimentos. O exemplo que eu costumo usar é : em um jogo de futebol eu não consigo prestar atenção. O meu marido, entende tudo de futebol. Se ligar a televisão por três minutos no jogo de futebol com eu e ele na sala e nós dois assistimos os três minutos do mesmo jogo simultaneamente, ele vai apreender um determinado número de informações e eu praticamente não vou perceber nada. Se não tiver escrito lá “Corinthians X Palmeiras” eu nem vou saber quem é. Ele sabe pelo uniforme, ele sabe que o jogador foi contratado por “não sei quem”, enfim, ele sabe “N” coisa que vão fazer com que a apreciação dele com aquele jogo seja uma e a minha seja a outra radicalmente distante uma da outra. É a mesma coisa com a música. Tem pessoas que ouvem a música e não conseguem apreender quase nada. Não tem nem uma atenção educada para isso. Depoia, fala que não gosta. O gosto também se educa. Então, a música tem também a função de fornecer um repertório que faz com que a pessoa tenha uma abertura para repertórios futuros. A minha função não é fazer a pessoa gostar de música clássica, ou isso e aquilo, mas ele tem uma abertura para conseguir apreender o que é possível da música. E aí, desenvolver verdadeiramente o seu gosto e não o gosto que o pai colocou ou que os amigos vão colocar na adolescência. Então, você ter uma abertura para isso também faz parte da função da musicalização. E esse ouvido interior eu acho que vai ser o principal recurso para isso. É porque tem o ouvido realmente aberto que discrimine, que identifique e classifique os sons e que não fique só na questão de entender os movimentos artísticos, mas ter uma apreensão de você aprender coisas

auditíveis da música e isso vai fazer você ser um bom ouvinte, você ter até o gosto de ouvir Vivaldi, Rock, ACDC e etc com talvez a mesma acuidade. Apesar de os estilos serem tão diversos, você consegue perceber sutilezas diferentes. As pessoas que não tem esse ouvido desenvolvido ouvem marcas sonoras, ouvem blocos sonoros, não distinguem o que está acontecendo, não distinguem a função do baixo em determinada música, a função da bateria, ouve só blocos sonoros, o máximo que conseguem identificar é a letra da música, o solo da bateria porque é muito óbvio, o solo da guitarra. Não conseguem perceber nuances e falam que simplesmente não gosta dessas músicas porque nunca não teve acesso de maneira significativa. Então, uma das funções é isso: fazer com que a música seja significativa independente de gêneros e estilos.

A: E sobre o desenvolvimento geral?

P4: Tem a ver desde a coordenação, da memória, além de ter uma pessoa mais aberta. Seja qual for o que a pessoa vai querer dali em diante, se ela escolher ser médico, ser músico, enfim, ela vai ser melhor eu acho porque vai ter um outro lado desenvolvido que tem a ver com a sensibilidade mas tem a ver com auto conhecimentos, com a percepção mais apurada do mundo, de si mesmo e do mundo que eu acho que a arte de uma maneira geral proporciona.

A: Você observa efeitos comportamentais a partir da vivência com a música?

P4: Sim, eu acho que além de ter a questão sociabilizante, tem a questão da interação porque a música é uma coisa muito interativa e as crianças aprendem a se respeitar um pouco mais. A música é minimamente utilizada na educação, inclusive se inventou a escrita musical, a escrita oficial que tem hoje devido ao ensino, diz a lenda (risos), a música é utilizada com finalidade pedagógica e portanto a escrita musical foi feita com essa finalidade também. A professora usa muito também. A diferença é que a professora de classe usa a música de uma determinada maneira com um objetivo e a professora de música usa com outro. O meu objetivo está ligada mais a questão musical propriamente dita enquanto que o delas está mais ligado ao social mesmo e as vezes de fixação de algum conteúdo eventualmente que não é utilizado apenas com crianças pequenas mas é utilizado também com cursinhos, por exemplo. A música lida muito com uma questão de memória. A minha função dentro de uma escola de educação infantil é dar oportunidade para as crianças através daquilo que eu falei de dar elementos organizados, sistematizados, dar a oportunidade de eles lidarem com a linguagem musical. Então, na hora que eles estão aparentemente até meio caóticos, um gritando, outro olhando um instrumento só, eles estão reconhecendo, eles estão explorando as coisas. Como a aula é semanal, na aula que vem ele vai pegar o instrumento de novo, ele vai apertar de novo, vai ser proposto para ele que ele toque forte ou fraco,

que ele troque com o amigo. Conforme eles vão crescendo vai tendo uma complexidade maior, por exemplo, na música começa a ter grupos diferentes, então não é todo mundo que toca igual, são vários grupos, não cantar igual ao que está cantando, tem que cantar uma coisa e tocar outra que requer uma habilidade motora que os pequenos ainda não tem. Mas na idade que você trabalha (2 – 3 anos), está ligada mais a sensibilização, ao descobrimento das próprias potencialidades musicais do corpo, dos instrumentos e dos sons dos objetos. A gente brinca também as vezes de bater na mesa, no chão com a mão aberta, fechada, como se faz um som diferente, eles estão descobrindo que madeira faz um som e que metal faz outro. Então, tem a ver com essa descoberta mas sempre associado ao lúdico, uma brincadeira que eles vão colocar em prática aquilo que eles estão aprendendo. Então, desde os atributos do som como forte e fraco mas até propriamente momentos da música. Tem uma música que eles em determinado momentos tem que tocar forte que é uma célula rítmica da música. Eles não sabem que é uma célula rítmica mas era e eles estão reconhecendo aquela célula, destacando aquela célula do resto da música e tocando de uma maneira diferente naquela célula. Eles ficam muito felizes porque parece um jogo e a música tem muito disso, ela é um jogo, é uma brincadeira. Então, eu acho que na hora que eles estão interagindo com todos esses elementos, tem uma questão lúdica muito importante, tem uma questão de sociabilidade e uma questão de eles estarem interagindo com a linguagem musical. Estão fazendo música mesmo dentro do que uma criança pequena pode fazer, mas eles estão fazendo. E isso eu acho que possibilita que ele tenha também um contato com a música, que ele seja um ouvinte mais atento, que ele seja uma pessoa mais ligada realmente a essa área. Eu acho que desperta inclusive o lado criativo, que a gente não falou especificamente mas que está implícito em toda a minha fala porque sempre eles tem que executar. Eu dou uma proposta mas eles fazem e é permitido que cada um faça um pouco do seu jeito desde que não saia totalmente da proposta, mas eles sabem disso. É incentivado até que eles procurem formas pessoais. Eu acho que você fazendo dessa maneira faz com que a música seja uma coisa lúdica e que faz com que exista essa possibilidade de eu interagir, eu acho que isso é importante, eles terem isso como uma aquisição: “música eu posso, eu quero e eu devo interagir com ela” e não ter apenas uma interação passiva. Na hora que eles se sentem assim, eles se sentem aptos a tocar um instrumento, sente que todo mundo pode. Eu acho que essa é uma porta de entrada para o terreno da música. Eu acho que dentro de uma escola essa é minha função já que eu não vou ensinar um instrumento mesmo.

